



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

CLÁUDIA RAMOS CARIOCA

A MANIFESTAÇÃO DA
EVIDENCIALIDADE NAS DISSERTAÇÕES
ACADÊMICAS DO PORTUGUÊS
BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

Fortaleza (CE) – 2005

CLÁUDIA RAMOS CARIOCA

A MANIFESTAÇÃO DA EVIDENCIALIDADE NAS
DISSERTAÇÕES ACADÊMICAS DO PORTUGUÊS
BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Lingüística. Orientadora: **Profa. Dra. Márcia Teixeira Nogueira.**

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Lingüística, outorgado pela Universidade Federal do Ceará, e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca do Centro de Humanidades da referida Universidade.

A citação de qualquer parte da dissertação é permitida, desde que seja feita de acordo com as normas científicas.

Cláudia Ramos Carioca

BANCA EXAMINADORA:

Profª Drª Márcia Teixeira Nogueira – UFC
(Orientadora)

Profª Drª Maria Angélica Furtado da Cunha
(1ª examinadora)

Prof. Dr. Nelson Barros da Costa
(2º examinador)

Dissertação aprovada em 29/11/2005.

DEDICATÓRIA

Dedico a Ti, Ó Deus Altíssimo,
todo este trabalho feito,
porque por Tua causa é que existo,
e só a Ti sejam dados toda a honra e todo o louvor.

“Ó profundidade das riquezas,
tanto da sabedoria como da ciência de Deus!

Quão insondáveis são os seus juízos,
E quão inescrutáveis os seus caminhos!

Quem compreendeu a mente do Senhor?

Ou quem foi o seu conselheiro?

Ou quem lhe deu primeiro a Ele,
para que lhe seja recompensado?

Porque Dele e por Ele e para Ele são todas as coisas.

Glória, pois, a Ele eternamente.

Amém.”

(Rm 11:33-36)

AGRADECIMENTOS

- ❖ Ao Soberano Deus, por me fazer entender que sem Ele não sou nada, quando disse, em 2Co 11:9, através de Paulo: “A minha graça te basta, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza”. Portanto, de boa vontade me gloriarei nas minhas fraquezas, para que em mim habite o poder de Cristo.
- ❖ À Prof^a Dr^a Márcia Teixeira Nogueira, minha orientadora, pela amizade e dedicação a mim dispensada ao longo destes quase dois anos, levando-me a descobertas preciosas que contribuíram de forma singular para a realização desta pesquisa.
- ❖ Ao meu esposo Marcos Vinícius, por estar sempre ao meu lado nos momentos cruciais desta caminhada.
- ❖ Aos meus filhos Sayron, Saul e Ester, pela compreensão da minha ausência, mesmo estando presente.
- ❖ Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, pelo apoio e suporte ofertados.
- ❖ Aos bolsistas do Grupo de Estudos em Funcionalismo, Helton Bezerra Moreira e Luciano Araújo Cavalcante Filho, pela ajuda na organização dos dados através do Programa Varbrul.

CARIOCA, Cláudia. R. **A manifestação da evidencialidade nas dissertações acadêmicas do português brasileiro contemporâneo**. Fortaleza, CE: PPGL, 2005. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade Federal do Ceará, 2005.

RESUMO

A evidencialidade é uma categoria lingüística utilizada como estratégia que permite a manipulação das informações quanto à fonte do conhecimento e ao grau de (des)comprometimento do produtor com essa fonte.

No intuito de investigar a manifestação dessa categoria na construção das dissertações acadêmicas no português brasileiro contemporâneo, objetiva-se: a) rediscutir o estatuto da evidencialidade como categoria lingüística; b) analisar as relações entre modalidade e evidencialidade; c) verificar as estratégias utilizadas no uso das marcas de evidencialidade no trabalho científico de grau, do tipo dissertação; d) identificar, descrever e analisar as marcas lingüísticas evidenciais no trabalho científico de grau do tipo dissertação; e) relacionar o uso de evidenciais com estratégias para efeito de (des)comprometimento na construção textual. Ao identificar e interpretar as marcas evidenciais na construção dos textos acadêmicos, a pesquisa busca contribuir para a explicitação dos efeitos de sentido vinculados à veiculação das informações de forma estratégica, já que essas marcas são utilizadas com propósitos diversificados, como por exemplo: recurso ao chamado “argumento de autoridade”, atenuação da responsabilidade em relação ao que é dito, modalização no contínuo entre a certeza e a não-certeza, sinalizando que algo não está sendo dito de forma categórica e sugerindo

um grau de (des)comprometimento em relação à verdade da proposição, como também um posicionamento crítico em relação à fonte da informação, permitindo uma correta avaliação do conteúdo assimilado pelo leitor, dentre outros.

A análise, orientada por pressupostos funcionalistas, conta com uma dimensão teórica, voltada para a rediscussão dos limites conceituais entre as categorias modalidade e evidencialidade, e uma dimensão analítica, que, em constante diálogo com a teoria, investiga, qualitativa e quantitativamente, o uso de marcas da evidencialidade na dissertação acadêmica, trabalho que é requisito para a obtenção do título de mestre. A escolha do gênero para a constituição do *corpus* justifica-se pela suposição de que esse é um dos gêneros textuais que apresenta maior quantidade de informação cuja fonte não é o próprio autor, o que condiciona o uso das marcas de evidencialidade na relação observável com o grau de (des)comprometimento do produtor relativamente à informação veiculada. A obtenção das 290 ocorrências para esta pesquisa concretizou-se a partir da organização de um *corpus* constituído por dez dissertações acadêmicas da área de Ciências Humanas, das quais se utilizaram, como material de análise, a introdução e a conclusão.

Os resultados obtidos verificaram os efeitos de sentido associados ao uso de meios de expressão evidencial na construção da argumentação em dissertações, comprovando que a evidencialidade no discurso acadêmico, em particular no *corpus* coletado, é mais utilizada para promover um baixo comprometimento, tendo o verbo como o meio lingüístico mais utilizado e as noções evidenciais inferencial e citativa como as mais frequentes.

CARIOCA, Cláudia. R. The manifestation of the evidentiality in the academic dissertations of the Brazilian Portuguese contemporary. Fortaleza, CE: PPGL, 2005. Originally presented as dissertation of mestrado, Federal University of the Ceará, 2005.

ABSTRACT

Evidentiality is a linguistic category used as a strategy to deal with information, considering the producer's source of knowledge and his extent of (un)commitment to this source.

In order to investigate the manifestation of this category in the construction of academic dissertations written in contemporary Brazilian Portuguese, this work aims to: a) rediscuss the status of the evidentiality as a linguistic category; b) analyse the relationship between modality and evidentiality; c) verify the strategies used to indicate evidentiality in scientific works such as dissertations; d) identify, describe and analyse linguistic marks of evidentiality in such works; e) relate the use of evidentials to strategies of (un)commitment in the production of a text. Though the identification of evidentiality marks in academic texts, this work aims to contribute to explicit the sense effects related to the strategic transmission of information, since these marks are used with different purposes, like: use of the authority argument, reduction of responsibility in relation to what is being said; certainty/uncertainty modalization, suggesting that something is being said in a non-categorical way, suggesting a certain degree of (un)commitment in relation to the truth of the proposition, as well as showing a critical position in relation to the source of information, allowing a correct evaluation of the content taken in by the reader; among other purposes.

The analysis, based on functionalist presuppositions, rediscusses the conceptual limits between modality and evidentiality. It investigates, in terms of both quality and quantity, the use of evidentiality marks in academic dissertations. This genre was chosen due to the supposition that it is one of the textual genres whose source of information is mostly not the author himself. This fact influences the use of evidentiality marks in relation to the degree of the producer's (un)commitment to the information provided. The 290 occurrences were collected from a *corpus* which comprises 10 academic dissertations in Humanity Studies. Only the introduction and the conclusion sections of these Works were considered.

The results showed that the sense effects are associated to the use of evidentiality expressions in the kind of argumentation process in dissertations. This proves that the evidentiality in the academic discourse, particularly in the *corpus* collected, is used especially to assure a lower degree of commitment, being the verb the linguistic means most chosen to express this, and the inferential and quotative evidentiality notions as the most frequent ones.

LISTA DE ABREVIATURAS

- Dissertação 1:

(D1) Aspectos do Fantástico na Literatura Cearense (2003) – Autor: Francisco Vicente de Paula Júnior – Programa de Pós-Graduação em Letras (UFC).

- Dissertação 2:

(D2) *Jeremias – sem chorar*, um profeta brasileiro da Modernidade (2000) – Autora: Marta Leuda Lucas de Sousa – Programa de Pós-Graduação em Letras (UFC).

- Dissertação 3:

(D3) Qualificação e empregabilidade: a experiência do curso de costureira têstil industrial no município de Maracanaú-CE (2002) – Autora: Clarice Gomes Costa – Programa de Pós-Graduação em Educação (UFC).

- Dissertação 4:

(D4) Estudo avaliativo sobre os egressos do Programa Estadual de Qualificação Profissional no Ceará no período de 1996 a 1998 (2001) – Autora: Verônica Soares Fernandes – Programa de Pós-Graduação em Educação (UFC).

- Dissertação 5:

(D5) Discursos e interditos: a medicina frente a pacientes terminais de câncer (1996) – Autora: Preciliana Barreto de Moraes – Programa de Pós-Graduação em Sociologia (UFC).

- Dissertação 6:

(D6) A construção do fenômeno religioso no cinema de Woody Allen: análise de *Neblina e sombras* (2002) – Autor: Edílson Baltazar Barreira Júnior – Programa de Pós-Graduação em Sociologia (UFC).

- Dissertação 7:

(D7) Adolfo Caminha e Rodolfo Teófilo: a cidade e o campo na literatura naturalista cearense (2002) – Autor: Manoel Carlos Fonseca de Alencar – Programa de Pós-Graduação em História (UFC).

- Dissertação 8:

(D8) Luz, câmera, sertão: bravura e fé na cinematografia de Rosemberg Cariry 1986-1996 (2003) – Autora: Iza Luciene Mendes Regis – Programa de Pós-Graduação em História (UFC).

- Dissertação 9:

(D9) O contraste definido/indefinido em narrativas orais de crianças e adultos (1999) – Autora: Hildenize Andrade Laurindo – Programa de Pós-Graduação em Linguística (UFC).

- Dissertação 10:

(D10) A distribuição das informações em resenhas acadêmicas (2001) – Autor: Benedito Gomes Bezerra – Programa de Pós-Graduação em Linguística (UFC).

LISTA DE QUADROS, GRÁFICOS E TABELAS

1. QUADROS:

Quadro 01: Adaptação do esquema de interação verbal (DIK, 1989).

Quadro 02: Equacionamento da avaliação epistêmica (HATTNER, 1995).

Quadro 03: Significado dos evidenciais (GONÇALVES, 2003).

Quadro 04: Critérios para identificação de evidenciais gramaticalizados (DE HANN, 1997).

Quadro 05: Hierarquia da força evidencial (GIVÓN, 2001).

Quadro 06: Estágio inicial do sistema evidencial (GIVÓN, 2001).

Quadro 07: Instâncias de modalização dos enunciados em correspondência com níveis (DIK, 1989; HENGEVELD, 1988, 1989).

Quadro 08: Tipologia funcional da modalidade epistemológica (HENGEVELD, 1988)

Quadro 09: Escala de valores do grau de comprometimento (THOMPSON, 1996).

Quadro 10: Ficha de análise das ocorrências.

Quadro 11: Manifestação da evidencialidade em relação ao comprometimento.

2. GRÁFICOS:

Gráfico 1: Natureza da evidência quanto ao compartilhamento.

Gráfico 2: Natureza da evidência quanto à diretividade.

Gráfico 3: Natureza da evidência quanto à perceptividade.

Gráfico 4: Comprometimento e Marca Evidencial Explícita Só do Falante.

Gráfico 5: Comprometimento e Marca Evidencial Explícita Compartilhada.

Gráfico 6: Comprometimento e Marca Evidencial Direta.

Gráfico 7: Comprometimento e Marca Evidencial Indireta.

Gráfico 8: Comprometimento e Marca Evidencial Inferencial.

Gráfico 9: Comprometimento e Marca Evidencial Citativa.

Gráfico 10: Comprometimento e Marca Evidencial Experiencial.

Gráfico 11: Níveis de Comprometimento da Natureza Evidencial

Gráfico 12: Níveis de Comprometimento na Utilização das Classes Sintáticas de
Manifestação da Evidencialidade

Gráfico 13: Posição da Marca da Evidencialidade no Enunciado e Comprometimento

Gráfico 14: Níveis de Comprometimento nas Dissertações Acadêmicas

3. TABELAS:

Tabela 1: Frequência das marcas evidenciais sintáticas.

Tabela 2: Frequência das marcas evidenciais quanto à posição

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO 1 – PRESSUPOSTOS FUNCIONALISTAS	
1.1 A Gramática Funcional	08
CAPÍTULO 2 – A CATEGORIA EVIDENCIALIDADE	
2.1 A evidencialidade como categoria lingüística.....	13
2.2 As relações entre modalidade e evidencialidade	22
2.3 A evidencialidade como estratégia de (des)comprometimento	30
CAPÍTULO 3 – A MANIFESTAÇÃO DA EVIDENCIALIDADE NAS DISSERTAÇÕES ACADÊMICAS	
3.1 Metodologia	37
3.1.1 Constituição e delimitação do <i>corpus</i>	37
3.1.2 Procedimentos metodológicos	38
3.2 Resultados, análise e discussão	40
3.2.1 A Natureza Semântica da Evidência	40
3.2.2 A Expressão da Evidencialidade	49
3.2.3 Evidencialidade e Comprometimento	65
3.2.3.1 Natureza da Evidência e Comprometimento	65

3.2.3.2 Meio de Expressão da Evidência e Comprometimento	76
3.2.4 Integração das Análises	81
CAPÍTULO 4 – CONCLUSÃO	
4.1 Conclusões da Pesquisa	89
4.2 Considerações Finais	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	96

INTRODUÇÃO

A categoria lingüística evidencialidade se constitui, ainda, num escopo bastante indefinido, já que, enquanto se pode observar sua manifestação morfológica em algumas línguas, em outras não se pode precisar as marcas específicas de sua ocorrência, como é o caso do Português Brasileiro Contemporâneo.

A suposição do surgimento de um sistema de marcas evidenciais no português ainda não é um fato consumado, em virtude de que todas as marcas lingüísticas apontadas como evidência desse sistema não são exclusivas da evidencialidade, como também já estão gramaticalizadas na língua.

Entretanto, observa-se que um estudo sobre tal categoria poderia envolver um gênero textual apropriado para sua verificação, pois, desse modo, promoveria uma discussão acerca de sua utilização e de suas estratégias de uso, bem como esclareceria a concepção de marcador da fonte de um conteúdo proposicional, o que repercute no grau de engajamento, de (des)comprometimento do enunciador em relação ao enunciado que produz.

O objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar os aspectos sintáticos, semânticos e pragmático-discursivos que caracterizam a manifestação da evidencialidade nas dissertações acadêmicas do português brasileiro contemporâneo, gênero em que há uma grande quantidade de informes indicativos das fontes consultadas, isto é, relativos às fontes bibliográficas utilizadas por cada autor. Supõe-se que, nessa indicação das fontes, são utilizadas estratégias discursivas que expressam o grau de (des)comprometimento do produtor textual com a fonte dessas informações. Assim sendo, tais estratégias podem ser investigadas.

Com a finalidade primária de atingir tal objetivo, elege-se os seguintes objetivos específicos:

- a) rediscutir as relações conceituais entre modalidade e evidencialidade;

- b) discutir o estatuto da evidencialidade como categoria lingüística;
- c) descrever alguns meios lingüísticos de manifestação da evidencialidade nas dissertações acadêmicas;
- d) explicitar quais são os tipos de noções evidenciais predominantes na construção das dissertações acadêmicas;
- e) interpretar os efeitos de sentido associados ao uso de meios de expressão da evidencialidade na construção da argumentação nas dissertações acadêmicas.

Tais objetivos estão diretamente relacionados com as hipóteses desta pesquisa:

- a) as marcas de evidencialidade são utilizadas na construção de textos acadêmicos de grau, em particular nas dissertações, como uma estratégia que permite a veiculação das informações no que concerne à fonte da informação e ao grau de (des)comprometimento do produtor textual com essas informações;
- b) a evidencialidade e a modalidade são categorias conceitualmente independentes, mas relacionadas entre si pela mesma forma de manifestação;
- c) a evidencialidade é uma categoria hierarquicamente superior à modalidade, porque está na base de qualquer informação;
- d) a manifestação da evidencialidade nas dissertações acadêmicas se dá, freqüentemente, por meio de verbos como predicados encaixadores (*dizer que, parecer que, sugerir que, afirmar que, asseverar que, assinalar que, acreditar que, considerar que* e similares) e expressões prepositivas (*segundo, de acordo com, conforme, como, consoante, etc.*); como também a sua localização é manifesta na anteposição da marca no discurso.
- e) as noções evidenciais mais freqüentes em textos acadêmicos de grau, em particular nas dissertações, são as citativas e inferenciais;

- f) o uso de meios de expressão da evidencialidade constitui uma estratégia para efeito de (des)comprometimento na construção da argumentação nas dissertações acadêmicas.

Vale ressaltar que o discurso acadêmico, em virtude de suas particularidades estruturais e discursivas, merece e deve ser discutido com mais profundidade. Entretanto, não é este o propósito da presente pesquisa. Porém, vale ressaltar que o discurso acadêmico apresenta uma estruturação com propósitos e recursos expressivos próprios, conforme padronização estipulada por vários manuais de metodologia científica para a apresentação de trabalhos acadêmicos.

Os estudos encontrados sobre evidencialidade em Língua Portuguesa preocuparam-se em investigar, intrafrasticamente, o uso de marcadores evidenciais em processo de gramaticalização, como é o caso de Galvão (2001) e Gonçalves (2003). Entretanto, apesar da grande contribuição que tais trabalhos oferecem para a discussão do estatuto categorial da noção evidencial e para a descrição da emergência de um sistema de marcas evidenciais no português, eles não verificaram, em um gênero particular, a manifestação das marcas de evidencialidade em seus aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos. Além disso, restringiram a investigação da evidencialidade a apenas itens específicos (“parecer” com Gonçalves; “diz que” com Galvão; etc.) e não levaram em consideração o propósito comunicativo da construção textual de um gênero específico.

Ao identificar e interpretar as marcas evidenciais na construção da dissertação acadêmica, a pesquisa busca contribuir para a explicitação dos efeitos de sentido vinculados à veiculação das informações de forma estratégica, já que essas marcas são utilizadas com propósitos diversificados, como, por exemplo, no recurso ao chamado “argumento de autoridade”, para a atenuação da responsabilidade em relação ao que

está dito; para, na modalização ao longo do contínuo entre a certeza e a não-certeza, sinalizar que algo não está sendo dito de forma categórica, sugerindo um grau de descomprometimento em relação à verdade da proposição; para reconhecimento, por parte do leitor, da fonte da informação e, dessa forma, a orientação do posicionamento crítico deste em relação a tal informação, etc.

Além da relevância teórica supracitada, o presente estudo demonstra uma relevância prática, pois também pode contribuir para o currículo acadêmico nas disciplinas que envolvem leitura e produção de textos acadêmicos, promovendo uma melhor compreensão dos mecanismos de construção expositivo-argumentativa não só das dissertações acadêmicas, mas também de outros gêneros textuais pertinentes à Academia. É, por exemplo, muito comum que redatores iniciantes desses gêneros não informem, adequadamente, a fonte das proposições asseveradas, de tal modo que se torna difícil, para os leitores, a recuperação desta fonte, comprometendo, conseqüentemente, o posicionamento crítico em relação às teses defendidas.

Outrossim, a pesquisa que aqui se propõe é oportuna e relevante, porque promoverá uma discussão acerca da categoria evidencialidade, fornecendo subsídios teóricos e práticos para futuras pesquisas também voltadas para a explicitação das estratégias de (des)comprometimento em diferentes gêneros textuais.

O esquema desta dissertação está organizado em quatro capítulos.

No capítulo 1, explicitam-se os pressupostos funcionalistas que norteiam esta pesquisa.

No capítulo 2, apresenta-se a fundamentação teórica utilizada neste estudo, refletindo-se sobre as relações entre modalidade e evidencialidade, e reconhecendo-se a evidencialidade como categoria lingüística. Outro ponto relevante é a apresentação e definição das categorias para a análise das marcas evidenciais no gênero em questão.

No capítulo 3, verifica-se a manifestação da evidencialidade nas dissertações acadêmicas com a análise propriamente dita de todas as ocorrências identificadas no *corpus* da pesquisa. Mencionam-se, inicialmente, os procedimentos metodológicos aplicados, para, em seguida, proceder-se à análise com a discussão dos resultados obtidos.

No capítulo 4, conclui-se a sistematização dos resultados, com o apontamento das considerações encontradas e selecionadas como mais relevantes após a efetivação da pesquisa.

CAPÍTULO 1 – PRESSUPOSTOS FUNCIONALISTAS

1.1 A GRAMÁTICA FUNCIONAL

Uma teoria de base para a pesquisa ora empreendida só poderia situar-se de forma a considerar o contexto situacional no qual se concretiza o ato do desenvolvimento da escrita do texto, pois, dependendo da finalidade que se propõe o falante é que se efetiva o ato ilocucionário mediante o uso dos mais variados recursos lingüísticos para sua operacionalização.

Por isso, assumimos, com Bakhtin (1997, p.279), que a utilização da língua, em várias esferas da atividade humana, se efetiva por meio de enunciados orais ou escritos, concretos e únicos, que refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, de forma indissolúvel, pelo conteúdo (temático), pelo estilo verbal (isto é, pela seleção operada nos recursos da língua) e pela construção composicional.

A pesquisa que aqui se propõe assume tal concepção sociointeracional de linguagem – já que na construção do discurso acadêmico o falante prevê a interação com o ouvinte deixando pistas – e, com o objetivo de interpretar melhor as opções lingüísticas na manifestação da evidencialidade, adota uma perspectiva funcionalista ao reconhecer que tais opções encontram-se estreitamente condicionadas pelos propósitos comunicativos do gênero em questão.

O universo teórico no qual se desenvolve esta pesquisa é o da abordagem funcionalista norteadada pelo entrecruzamento de algumas propostas teóricas: a Teoria da Gramática Funcional de Simon Dik (1989) e as descrições da categoria evidencialidade feitas por Hengeveld (1988), Willett (1988), De Hann (1997), Hattnher (1995), Galvão (2001) e Gonçalves (2003).

Dik (1989) afirma que a interação verbal é uma atividade cooperativa estruturada, regida por regras, normas e convenções (pragmáticas), atividade que só se realiza com,

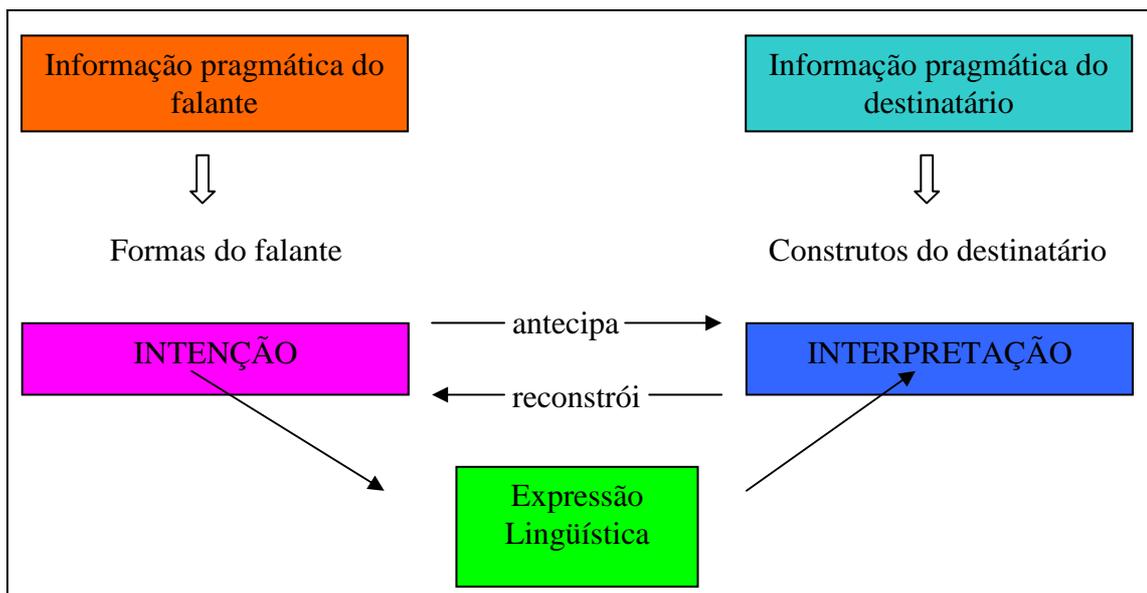
pelo menos, dois participantes. A interação verbal ocorre por meio das expressões lingüísticas: entidades estruturadas, governadas por regras (semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas) e princípios pragmáticos que determinam sua formulação, bem como sua utilização.

A Gramática Funcional opera a integração dos três componentes lingüísticos – o semântico, o sintático e o pragmático – para a investigação das relações funcionais especificadas pelas expressões lingüísticas. Segundo Dik (1989, p. 24), as funções no nível semântico especificam os “papéis” que os referentes dos termos envolvidos desempenham no “estado-de-coisas”¹ designado pela predicação na qual esses termos ocorrem; no nível sintático, é especificada a “perspectiva” a partir da qual um estado-de-coisas é apresentado em uma expressão lingüística; e no nível pragmático, é especificado o “estatuto informacional” de um constituinte dentro de um amplo cenário comunicativo no qual ele ocorre, isto é, em relação à informação pragmática do falante e do ouvinte no momento do uso.

Uma teoria funcionalista da linguagem, consoante Dik (1989), obedece a dois princípios básicos: (i) deve tentar explicar as regras e princípios subjacentes à construção de expressões lingüísticas em termos de sua funcionalidade no que diz respeito ao modo como essas expressões são usadas; e, sendo assim, (ii) deve estar integrada a uma teoria pragmática maior de interação verbal.

Na proposta de interação verbal de Dik (1989, p.8), a comunicação é vista como modelo de atividades interativas que tem um dinamismo cooperativo. Tanto o falante quanto o ouvinte contribuem igualmente para a efetivação do processo comunicativo. O esquema de interação verbal de Dik (1989) pode ser observado no quadro a seguir:

¹ Estrutura abstrata que designa algo em algum mundo (DIK, 1989).



Quadro 01: Adaptação do esquema de interação verbal (DIK, 1989).

O modelo de interação verbal proposto por Dik (1989) considera os aspectos sociais, psicológicos e lingüísticos que subjazem à interação comunicativa, e formula que, em qualquer estágio da interação verbal, os usuários da língua possuem informações pragmáticas², e, ao dizer alguma coisa, o falante pretende efetuar algum tipo de modificação e/ou acréscimo na informação pragmática do ouvinte.

Mas, para que esse processo se concretize, o falante deve formar uma intenção comunicativa, uma construção mental daquilo que ele espera causar, pragmaticamente, no ouvinte. O falante necessita formular eficientemente sua intenção de maneira adequada à compreensão do ouvinte, para que este deseje modificar a sua informação pragmática de acordo com a pretensão do falante. Segundo esse modelo, as expressões lingüísticas têm função mediadora, desse modo, não são responsabilizadas pela “correta” relação entre a intencionalidade do falante e a interpretação do ouvinte.

² Segundo Dik (1997, p.10), a informação pragmática consiste no conjunto completo de conhecimentos, crenças, pressupostos, opiniões e sentimentos, disponíveis a um indivíduo em qualquer momento da interação.

O postulado teórico de Dik (1989) é importante, porque dá igual importância para os usuários da língua na relação de interação, já que reconhece que o falante e o ouvinte são indispensáveis e contribuem na mesma proporção para que a língua concretize o processo comunicativo.

No discurso acadêmico – objeto desta pesquisa –, esse processo comunicativo não é tão diferente, pois seus interlocutores – produtor textual e leitor – estão constantemente em processo interativo e utilizando todos os recursos lingüísticos para atingir seus objetivos comunicativos, isto é, o produtor textual intenciona modificar e/ou acrescentar algo na informação pragmática do leitor, enquanto que o leitor, apesar de não afetar diretamente o produtor textual, objetiva apreender e ratificar ou não as idéias e postulados do produtor textual no meio em que vive.

CAPÍTULO 2 – A CATEGORIA EVIDENCIALIDADE

2.1 A EVIDENCIALIDADE COMO CATEGORIA LINGÜÍSTICA

A relevância do domínio semântico-pragmático da evidencialidade foi reconhecida mesmo antes de o termo se tornar comum nos estudos lingüísticos. Como esclarecem Dendale e Tasmowski (2001), o primeiro uso do termo data do início do Século XX com os trabalhos de Boas e de Sapir, vindo a se tornar mais usual na Lingüística algumas décadas mais tarde com o trabalho *Shifters, verbal categories, and the Russian verb*, de Jakobson (1957). Somente na década de 1980 é que a evidencialidade se firma como tópico na pesquisa lingüística, por meio da publicação de Chafe e Nichols (1986), *Evidentiality: the linguistic coding of epistemology*, na qual se encontram reunidos os vários trabalhos apresentados na primeira conferência sobre o tema, realizada em Berkeley (EUA), em 1981, conforme citação em nota de Gonçalves (2003, p. 79).

O estudo de Nuyts (1993) conclui ser toda qualificação modal baseada necessariamente em uma evidência, podendo variar apenas a qualidade da evidência que se tem, mas, certamente, sem evidência, nenhuma avaliação de um estado-de-coisas é possível, podendo-se simplesmente optar por dizer que não se sabe.

A evidencialidade chama a atenção pelo fato de ser considerada como meio de revelação da fonte de um conteúdo proposicional, marcando também o grau de comprometimento do falante com a verdade da proposição (BYBEE e FLEISCHMANN, 1995, p.4), já que: “No caso dos evidenciais, essa fonte é caracterizada como diferente do falante. No caso da modalidade subjetiva, o falante é a fonte” (HENGEVELD, 1989, p.138).

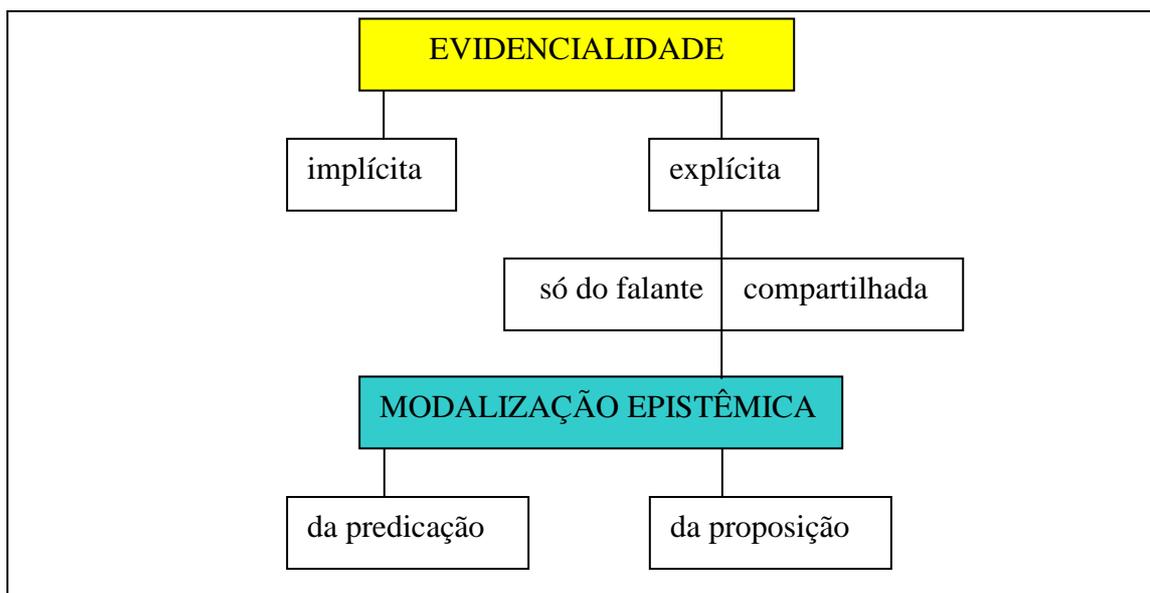
Hattnher *et al* (2001) tentam equacionar as duas categorias apresentando uma proposta menos segmentada que a de Hengeveld (1988) e promovendo uma nova

classificação que engloba a fonte de informação individualizada e a fonte de informação compartilhada, pois o falante, segundo as suas intenções comunicativas, pode optar por explicitar ou não outras fontes de informações (as evidências). Para isso, toma por base os apontamentos de Hoff (1986, *apud* Dendale & Tasmowski, 1994, p.2), conforme a seguir:

Os evidenciais ou os ‘meios de justificação’ indicam que tipo de evidência está disponível para assegurar a confiabilidade do enunciado no qual eles estão inseridos. Assim, se o falante escolhe indicar a fonte do saber que seu enunciado transmite, ele oferece a seu interlocutor a possibilidade de avaliar por si próprio a confiabilidade dessa informação. A avaliação da verdade de uma proposição será feita, então, com diferentes graus de adesão do falante, segundo as diferentes fontes de informação apresentadas, que podem ser um relato de terceiros, uma percepção visual ou auditiva, uma inferência ou suposição do próprio falante.

O falante também pode optar por não indicar o tipo de evidência de que dispõe, se o conhecimento subjacente à sua avaliação for do domínio comum ou, principalmente, se ele quiser fazer parecer que é um conhecimento partilhado.

Portanto, a fonte da informação passa a ser veiculada dependendo do nível de aproximação que o falante tem com a veracidade dela, baseando-se no conjunto de conhecimentos e crenças que possui. Observa-se a proposta de Hattnher et al (1995) no quadro que se segue:



Quadro 02: Equacionamento da avaliação epistêmica (HATTNHER, 1995).

Do quadro mostrado, interessa a este estudo a evidencialidade colocada hierarquicamente como superior à modalidade epistêmica e a subclassificação explícita, pelo fato de que esta pode ocorrer por meio de expressões lingüísticas, enquanto que a implícita não, como também a verificação de compartilhamento ou não da informação eu está sendo divulgada.

O estudo de Gonçalves (2003) corrobora a argumentação de que a evidencialidade é, de fato, uma dimensão semântico-pragmática e cognitivamente superior à modalidade epistêmica, ao destacar o trabalho de Willett (1988), que consiste numa investigação do estatuto da evidencialidade como uma categoria lingüística. Na pesquisa desenvolvida, Willett (1988) analisou cerca de 38 línguas diferentes e delimitou uma tipologia própria e caracterizadora da evidencialidade, conforme se pode observar no quadro a seguir, proposto por Gonçalves (2003, p.81), consoante sua compreensão do estudo de Willett:

EVIDÊNCIA DIRETA

I. EvD: o falante afirma ter percebido [EvAtestada] a situação descrita, mas pode não especificar se ela é uma evidência sensorial de algum tipo. (Conceito genérico que se aplica à EvD não-especificada).

a. EvVisual: o falante afirma ter visto a situação descrita.

b. EvAuditiva: o falante afirma ter ouvido a situação descrita.

c. EvSensorial: o falante afirma ter sentido fisicamente a situação descrita. Esta pode ser considerada: (i) oposta a um ou a ambos os sentidos acima;

(ii) sem especificação do modo sensorial.

EVIDÊNCIA INDIRETA

II.EvInd: o falante afirma não ter percebido a situação descrita, mas pode não especificar se a evidência que ele possui lhe foi relatada ou está baseada em uma inferência feita por ele. (Conceito genérico que se aplica à EvInd não-especificada).

a. EvRelatada: o falante afirma saber da situação descrita por meios verbais, mas pode não especificar se ela é um boato (i.e., de segunda ou terceira mão) ou se vem de um mito (folclore).

(i) EvSegunda-mão: o falante afirma ter ouvido a situação descrita de alguém que foi testemunha direta.

(ii) EvTerceira-mão: o falante afirma ter ouvido sobre a situação descrita, mas não de uma testemunha direta (boato).

(iii) EvMito: o falante afirma que a situação descrita é parte de uma história oral consagrada (mito).

b.EvInferida: o falante afirma saber da situação descrita somente por meio de inferência, mas pode não especificar se essa inferência está baseada em resultados observáveis ou somente em raciocínio mental (Conceito genérico que se aplica à EvInf não-especificada).

(i) Inferência de resultados: o falante infere a situação descrita de evidências observáveis (i.e., da percepção dos resultados de um evento e/ou ação causativos).

(ii) Inferência de raciocínio: o falante infere a situação descrita com base na intuição, na lógica, num sonho, em experiências prévias, ou algum outro constructo mental.

Outra pesquisa que tentou estabelecer critérios para a identificação de evidenciais gramaticalizados foi a de Anderson (1986, p. 273), que definiu os evidenciais como formas que “expressam os tipos de evidência que uma pessoa possui, ao fazer uma declaração factual”, elencando critérios identificadores, os quais foram reavaliados por De Hann (1997a) numa divisão sintático-semântica, conforme se observa no quadro a seguir:

CRITÉRIOS PARA IDENTIFICAÇÃO DE EVIDENCIAIS GRAMATICALIZADOS
<p>I. Critério semântico:</p> <p>1. Os evidenciais podem ser geralmente definidos como marcadores que indicam algo sobre a fonte da informação da proposição (BYBEE, 1985).</p>
<p>II. Critérios sintáticos:</p> <p>1. Os evidenciais não são a parte principal da cláusula (ANDERSON, 1986);</p> <p>2. Os evidenciais não mostram concordância com o falante (DE HANN, 1996);</p> <p>3. Os morfemas têm a expressão de evidencialidade com seu significado primeiro (ANDERSON, 1986).</p> <p>4. Os evidenciais não podem estar no escopo de um elemento negativo (DE HANN, 1996).</p>

Quadro 04: Critérios para identificação de evidenciais gramaticalizados (DE HANN, 1997).

O critério semântico estipulado é o mais aceito pelos estudiosos da questão em foco; entretanto, para os critérios sintáticos, não há uma concordância geral. Desse modo, apenas constituem uma tentativa inicial de se dar uma interpretação sintática à categoria da evidencialidade, segundo argumenta Gonçalves (2003, p. 87).

O nível de consolidação, em diferentes línguas, do sistema evidencial é o grande responsável por todas essas contradições, pois, de fato, é a não existência de itens gramaticalizados que faz com que essa discussão entre posicionamentos se estenda e se potencialize. Tal é a problemática que, aqui no Brasil, lingüistas se interessaram pela descoberta da existência de marcadores evidenciais no português brasileiro, tarefa que constitui praticamente foco único de interesse no tratamento de tal questão, oportunizando uma maior discussão do estatuto dessa categoria no português brasileiro. Com os trabalhos de Hattner (1995), Neves (1996), Castilho (1997), Galvão (2001) e Gonçalves (2003), entre outros, desenvolveram-se as investigações sobre temas relacionados à evidencialidade, na interface com os processos de modalização e gramaticalização, que concorrem paralelamente para a efetivação de um sistema evidencial no português do Brasil.

Tratando de uma morfologia evidencial gramaticalizada, Givón (2001) postula que o sistema evidencial tende a gramaticalizar, em seu domínio, termos lexicais que envolvem o complexo de tempo-aspecto-modalidade e inflexões do verbo, conforme se observa no quadro a seguir:

HIERARQUIA DA FORÇA EVIDENCIAL
1. Hierarquia de acesso Experiência sensorial direta > inferência > rumor (boato)
2. Sub-hierarquia sensorial Visão > audição > outros
3. Hierarquia dêitica pessoal Falante > ouvinte > 3ª pessoa

4. Dêixis-espacial Perto > longe
5. Dêixis-temporal Presente > perfeito / passado imediato > passado remoto

Quadro 05: Hierarquia da força evidencial (GIVÓN, 2001).

O quadro mostra que uma das distinções mais comuns feitas pelos sistemas evidenciais divide a fonte da informação dentro de duas categorias: 1) Categoria de acesso: experiência direta/rumores/inferências; 2) Categoria sensorial: visual/auditiva/outros. Desse modo, as línguas classificam uma evidência por sua real habilidade expressiva em conjunto com hierarquias universais.

Givón (2001) analisou várias línguas, dentre as quais o inglês coloquial, no qual visualizou construções com estágios iniciais da gramaticalização do sistema evidencial, consoante o quadro a seguir:

ESTÁGIO INICIAL DO SISTEMA EVIDENCIAL	
EXEMPLO ³	CLASSIFICAÇÃO EVIDENCIAL
1. (I) guess she didn't show up. (Eu ACHO que ela não se revelou.)	Inferencial
2. I hear she's coming tomorrow. (Eu SOUBE que ela vem amanhã.)	Rumor/boato
3. She's upped'n left, they say. (Ela subiu à esquerda, eles DISSERAM).	Rumor/boato

³ Conservaram-se os exemplos no original porque na tradução poderia ocorrer alteração do sentido modal, devido ao fato de que os itens lingüísticos próprios à modalidade variam de língua para língua.

4. She's upped'n left, I hear. (Ela subiu à esquerda, eu OUVI.)	Rumor/boato
5. (I) see he's left. (Eu VEJO que ele partiu.)	Inferencial
6. (I) reckon they're out of business. (Eu CALCULO que eles saíram dos negócios.)	Inferencial
7. (I'm) fraid she's gone. (TENHO medo que ela vá.)	Atenuação
8. It's not working, Y'now. (Não está funcionando, você SABE.)	Desculpa
9. He might not agree; (you) understand. (Ele não concordaria, você ENTENDE.)	Atenuação
10. (You'd) think he'd still be here... (Você ACHA que ele ainda estaria aqui.)	Inferencial
11. (Let's) suppose I gave you a coconut... (Vamos SUPOR que eu dei a você um côco.)	Probabilidade baixa
12. I understand she's here. (Eu SUPONHO que ela está aqui.)	Inferencial

Quadro 06: Estágio inicial do sistema evidencial (GIVÓN, 2001).

Na verdade, no quadro 08, encontram-se itens lexicais que podem estar se gramaticalizando como predicados encaixadores da proposição (informação). Na maioria dos sistemas evidenciais gramaticalizados, encontram-se como mecanismos distintivos da hierarquia, a não-marcação semântica de casos, como também a não-marcação morfológica, caso do termo mais baixo dessa hierarquia, isto é, a informação

que é diretamente menos aceitável ou surpreendente, que requer uma marca explícita. Desse modo, parece que a norma cognitivo-comunicativa deveria ser uma nova informação reportada que: a) está diretamente atestada/testemunhada; b) está em conformidade com as expectativas dos participantes do processo comunicativo.

Com base nas pesquisas expostas, conclui-se que os trabalhos de Anderson (1986), de Willet (1988) e sobre o aprimoramento do sistema evidencial com Givón (2001) proporcionaram uma abertura significativa para a descrição da evidencialidade como categoria gramatical.

A partir dessas investigações, foi possível descrever o desenvolvimento dos elementos evidenciais gramaticais a partir de itens lexicais ou menos gramaticais pré-existentes nos sistemas lingüísticos, como é o caso dos trabalhos de Galvão (2001) e Gonçalves (2003) para o português do Brasil.

Com base em tudo o que foi exposto, fica claro que a evidencialidade é uma categoria lingüística expressa por marcas próprias. Entretanto, não é unânime a constituição de sistemas evidenciais em todas as línguas naturais; o que ocorre no momento é o surgimento de pesquisas que contribuem para a verificação de tais sistemas.

Consoante Galvão (2002, p. 3), “a língua pode ter um sistema evidencial original ou, dependendo da necessidade comunicativa, esse sistema pode vir a se desenvolver no decorrer do tempo”, surgindo daí a hipótese do desenvolvimento de um sistema de marcas evidenciais no português.

2.2 AS RELAÇÕES ENTRE MODALIDADE E EVIDENCIALIDADE

Quando se estuda a interpretação e produção do sentido a partir da descrição e explicação dos fatos da língua, levando-se em conta os fatores que intervêm na atividade lingüística dos falantes, incorre-se na análise do significado interpessoal e de seus subtópicos: atos de fala, modalidade, argumentação, implicaturas conversacionais, etc.

A modalidade é o subtópico que interessa a este estudo. Desse modo, faz-se necessária uma breve explanação sobre a conceituação da modalidade para que se compreenda essa relação.

Como Nogueira (2003, p.23) afirma: “os estudos sobre modalidade são bastante diversificados, pois se realizam em diferentes quadros teóricos, da Lógica à Lingüística”. Mateus ([s.d.], p.245) também argumenta o quanto esta questão tem sido objeto de análise, no decorrer dos séculos, desde Aristóteles, tendo sido propostos sistemas de formalização no princípio do Século XX por C. I. Lewis, aos quais foi atribuída uma semântica, em meados do mesmo século, por Kripke e Hintikka.

A noção básica de modalidade é definida por Trask (2004, p.194), que diz ser a modalidade como a categoria gramatical que associada com a expressão da obrigação, permissão, proibição, necessidade, possibilidade e capacidade, corrobora com a noção ducrotiana que assegura ter sido dado o nome “modalidade” às expressões que remetem aproximação com a relação opositiva estabelecida pela lógica clássica entre os conceitos de possível, de real e de necessário (DUCROT, 1993, p.113).

É importante ressaltar que, conforme propõe Koch (1987, p.74), consoante a estrutura do discurso, a relação entre enunciados é habitualmente projetada a partir de certas relações de modalidade, donde se depreende a sua relevância pragmática, de

modo que não se pode estudar a modalidade sem considerá-la como parte da atividade ilocucionária, pois revela a atitude do falante em relação ao enunciado produzido. Segundo Parret (1988, p.80), o ato ilocutório é constitutivo de uma certa realidade e, ademais, motivado pelo jogo da produção e da identificação das intenções, não inexplicáveis e ocultas, mas classificáveis e ‘convencionalizadas’. São estas intenções comunicativo-discursivas que estão projetadas na utilização da modalidade, a qual reflete, na linguagem, o fato “de que tudo o que o homem pode ser, sentir, pensar, dizer e fazer se insere numa perspectiva particular” (CERVONI, 1989, p.75).

Estabelecer que as modalidades projetam o ponto de vista do sujeito falante sobre o conteúdo proposicional do enunciado não é uma conceituação facilmente fechada, já que, como afirma Neves (No prelo, p.1), definir modalidade é uma tarefa complexa exatamente porque esse conceito envolve não apenas o significado das expressões modalizadas, mas ainda a delimitação das noções que subjazem o domínio conceptual implicado. Além disso, fazer uma classificação das modalidades é uma tarefa árdua e intrincada, pois, segundo Cervoni (1989, p.63), classificar as modalidades não poderia ter um caráter rígido, porque a natureza do objeto estudado se opõe a isso.

Lyons (1977) define modalidade como sendo a maneira como o falante expressa suas opiniões ou atitudes em relação à proposição que a sentença expressa ou em relação à situação que descreve, preocupando-se com dois tipos de modalidade: a epistêmica e a deôntica. A primeira liga-se ao eixo do conhecimento e engloba noções de certeza, exclusão, probabilidade e contestabilidade, enquanto a segunda liga-se ao eixo da conduta e engloba noções de obrigatoriedade, permissão, facultatividade e proibição.

A modalidade epistêmica definida por Lyons (1977) subdivide-se em modalidade epistêmica subjetiva (a afirmação do falante e não a afirmação de um fato) e

modalidade epistêmica objetiva (a expressão de um conhecimento geralmente aceito ou cientificamente comprovado). Entretanto, considera-se esta subdivisão pouco sustentável, porque a modalidade epistêmica subjetiva também é manifesta na expressão do conhecimento científico.

Palmer (1986) define modalidade como sendo uma categoria que decorre da gramaticalização⁴ das atitudes subjetivas e das opiniões do falante, reconhecendo três tipos principais: a epistêmica, a deôntica e a dinâmica. Em linhas gerais, define a modalidade epistêmica como a expressão modal que indica o grau de comprometimento do falante com o que ele está falando, subdividindo-a em julgamentos e evidências. A modalidade deôntica refere-se à expressão modal que contém um elemento de vontade e envolve a ação do falante ou de outra pessoa. E a modalidade dinâmica é definida como a expressão modal que se relaciona com o significado, o qual não está condicionado pela capacidade, habilidade ou disposição do sujeito, logo, não mantém nenhum vínculo com a expressão de opinião ou atitude do falante.

Ao observar-se o estudo da modalidade na Ciência Lingüística, percebe-se que houve uma evolução significativa na investigação do funcionamento dessa categoria nas línguas naturais, motivada em parte pelo papel exercido pelas marcas modais⁵ “de veiculadoras das atitudes do falante com relação ao que é dito” (HATTNER, 2001, p.103), e, também, por estar diretamente relacionada com o propósito comunicativo.

Vários lingüistas verificaram que as modalidades se manifestam por meio de marcadores textuais de natureza diferente; daí se instigou o surgimento de novas

⁴ É o processo que envolve o crescimento dos limites de um morfema que avança de um valor lexical para um valor gramatical ou vai do menos para o mais gramatical, i. e., de um formante derivacional para um formante flexional. (JERZY KURYLOWICZ [1965] 1975 apud HEINE et al., 1999, p.3).

⁵ Também chamadas de *agentes modais ou auxiliares modais*.

categorias que se projetam no âmbito lingüístico como um campo extenso de pesquisa, as quais, segundo Trask (2004, p.195), podem ser enumeradas como:

A *evidencialidade*, quão forte e de que natureza é a evidência de que você dispõe para dizer alguma coisa; a *modalização*, a probabilidade ou regularidade com que algo ocorre; a *modularidade*, o grau de comprometimento ou empenho envolvido por parte de alguém; o fenômeno da *circunscrição (hedging)*, que consiste em reduzir o comprometimento do falante com aquilo que ele está dizendo, e o uso de formulações vagas. Essas extensões da modalidade têm sido muito investigadas, particularmente no contexto da *Lingüística Sistêmica*.

Aprofundando a proposta de Lyons (1977), Dik (1989) e Hengeveld (1988, 1989) investigaram funcionalmente a categoria modalidade com base na constituição dos enunciados em camadas em cada nível, representacional e interpessoal. Observe-se o quadro a seguir:

Interpessoal (relacionado com o evento de fala)	4º nível: Cláusula = “ato de fala”
	3º nível: Proposição = “fato possível”
Representacional (relacionado com o evento narrado)	2º nível: Predicação = “estado-de-coisas”
	1º nível: Predicado = “propriedades/relações”

Quadro 07: Instâncias de modalização dos enunciados em correspondência com níveis (DIK, 1989; HENGEVELD, 1988, 1989).

Segundo Neves (1996, p.173), a função representacional é responsável pelo reconhecimento que o enunciatário faz da situação, e a função interpessoal pelo reconhecimento que ele faz da intenção comunicativa do enunciador. A essas funções correspondem os quatro níveis elencados no quadro 02 e, a partir deles, projeta-se uma distinção para três tipos de modalidade: a) no nível do predicado, tem-se a modalidade inerente; b) no nível da predicação, configura-se a modalidade objetiva, que apresenta uma subdivisão em: modalidade epistêmica e modalidade deôntica; e c) no nível da

proposição, ocorre a modalidade epistemológica, que se subdivide em: modalidade subjetiva e modalidade evidencial.

Segundo Hengeveld (1988), percebe-se que a modalidade evidencial toma como escopo a proposição. Ela se subdivide em inferencial, citativa e experiencial, segundo a tipologia de Hengeveld (1988). O quadro a seguir resume a tipologia de modalidade epistemológica proposta pelo autor, em que se inclui a evidencialidade:

Subjetiva				Evidencial		
Epistêmica			Bulomaica			
Certeza	Probabilidade	Possibilidade	Desejo Esperança	Inferencial	Citativa	Experiencial

Quadro 08: Tipologia funcional da modalidade epistemológica (HENGEVELD, 1988)

A modalidade epistemológica evidencial oferece ao falante um modo de não se apresentar como a fonte da informação contida na proposição, ainda que faça um julgamento sobre essa informação, oportunizando a apresentação de uma produção que não é sua. Desse modo, na subclassificação proposta, Hengeveld (1988) estipula que:

1. a evidencialidade inferencial caracteriza uma produção que foi inferida a partir de uma evidência, conforme se observa no exemplo⁶ seguinte:

(D1.C.21-21)⁷ PARECE-NOS QUE devem ser aplicados à teoria fantástica os mesmos preceitos que lhe regem na ficção (p.108).

⁶ Optou-se por utilizar os exemplos do próprio *corpus* desta pesquisa, ao invés dos exemplos do autor em discussão, devido à falta dos mesmos no texto pesquisado, encontrando-se apenas as expressões *It seems* e *It appears*, no que diz respeito ao evidenciais citativo e experiencial (HENGEVELD, 1988, p.239).

⁷ As especificações da notação encontram-se no capítulo 3, p. 34.

Nota-se que o produtor textual relata uma informação obtida por meio de raciocínio. Projetando no informe esse aspecto, utiliza uma marca evidencial que aumenta a relevância de seu raciocínio, pois, se ele apenas dissesse “devem ser aplicados à...” não estaria enfatizando a importância de sua informação, ao mesmo tempo que atenua a certeza da informação.

2. a evidencialidade citativa caracteriza uma produção projetada a partir de uma outra fonte que não é o falante, tal como no exemplo abaixo:

(D6.I.01-84) A Revista Set, [...], APONTOU Wood Allen COMO o quinto melhor cineasta ao mesmo tempo em que foi apontado como o segundo pior (p.7).

Observa-se que o produtor textual indica claramente a fonte da informação que ele está veiculando. Esta citação promove uma atenuação da responsabilidade do produtor textual com o que está sendo dito, pois não é ele quem aponta “Wood Allen como o quinto melhor...”, mas uma outra fonte, a revista, como também serve como suporte para outras informações que venham a ser organizadas a partir desta.

3. a evidencialidade experiencial caracteriza uma informação derivada de experiência vivida por uma fonte, tal como o exemplo que segue:

(D8.I.13-201) Devo registrar que VI referência a um filme de 1919 feito no Rio de Janeiro, o longa *Alma Sertaneja*, de Luiz de Barros (p.18).

Verifica-se que a informação dada foi vivenciada pelo produtor textual, já que o verbo “ver” se refere a uma experiência física humana. Logo, o produtor textual explicita um alto envolvimento com a informação relatada, sendo ele próprio a fonte da informação.

Ainda sobre o quadro 03, Dik (1989, p.251) estabeleceu que os aspectos semânticos mais importantes no campo de ação dos modalizadores proposicionais evidenciais (a origem da proposição) são: a) experiência: o falante conclui algo baseado em prévia experiência; b) inferência: o falante infere algo a partir da evidência disponível; e c) ouvir-dizer (*hearsay*): o falante assinala que ouviu algo a partir de alguém.

Com a evolução dos estudos sobre modalidade, a evidencialidade começou a se tornar cada vez mais relevante pelo fato de ser utilizada como estratégia discursiva. Diante de tal evolução, discutiu-se a importância e/ou submissão de uma categoria em relação à outra, buscando-se uma posição hierárquica que não consegue ser definida, pois os estudiosos mais atuais sobre a evidencialidade assumem diferentes posicionamentos. Gonçalves (2003, p.80) sistematiza esses posicionamentos, classificando-os em: disjunção, inclusão, intersecção e neutralidade.

A posição de disjunção entre a evidencialidade e a modalidade epistêmica é defendida por Hardman (1986) e, geralmente, é assumida em face da existência de línguas que, explicitamente, apresentam marcas evidenciais em alta precisão, por isso não se confundindo com as marcas epistêmicas, como, por exemplo, as línguas “exóticas” ameríndias.

A posição de inclusão entre os conceitos, que diz respeito ao fato de um estar dentro do escopo do outro, é defendida por Palmer (1986), Hengeveld (1988, 1989), Dik (1989), Matlock (1989), Bybee *et al* (1994), entre outros, com diferença ainda sobre qual inclui qual. Dessa forma, permite-se que se façam afirmações acerca do assunto, tais como a de Dendale e Tasmowski (2001, p.342): “o mais freqüente é encontrarmos a evidencialidade como a noção ‘incluída’, em razão de que a fonte de informação pode ser considerada como um meio indireto de marcar a atitude do falante

com relação à sua informação”; e ainda a de Nuyts (2001, p.947): “a evidencialidade pode se constituir propriedade definitiva da modalidade epistêmica”.

A posição de intersecção, ou de sobreposição, é defendida por estudiosos que consideram os valores evidenciais iguais aos valores epistêmicos, como é o caso de Van der Auwera e Plungian (1997).

A posição de neutralidade é assumida por De Hann (1997 a,b), para quem os evidenciais assumem um aspecto neutro em relação ao valor epistêmico. Com relação a essa posição, fica claro que:

Os evidenciais são neutros quanto ao comprometimento com a verdade por parte do falante. Eles são usados para mostrar o grau de evidência que um falante tem para a afirmação, ficando para o ouvinte a tarefa de interpretar o valor modal da declaração. Em outras palavras, modalidade epistêmica e evidencialidade têm certos elementos comuns, como o envolvimento do falante com seu ato de fala, mas o elemento comum não é o comprometimento com a verdade a respeito do que ele está dizendo (DE HANN, 1997a, p.1).

Com efeito, a relação da modalidade com a evidencialidade é uma questão polêmica que não está resolvida. Entretanto, esta pesquisa assume o posicionamento da inclusão segundo Nuyts (2001), pois se considera a evidencialidade como uma categoria hierarquicamente superior à modalidade epistêmica sob a perspectiva de três posicionamentos: a) a modalidade e a evidencialidade são categorias conceitualmente distintas, uma diz respeito à atitude do falante em relação ao que ele diz, enquanto que a outra indica a fonte da informação que o falante está veiculando; b) a modalidade e a evidencialidade se relacionam no uso efetivo da língua, sendo que o tipo de evidência pode levar a uma interpretação do ouvinte sobre o nível de comprometimento do falante em relação ao que está sendo dito por ele; c) a evidencialidade é superior à modalidade porque tudo o que se diz deriva de uma fonte, a qual pode ser o próprio falante ou não.

2.3 EVIDENCIALIDADE COMO ESTRATÉGIA DE (DES)COMPROMETIMENTO

A existência de um sistema evidencial no português é uma proposta sugerida por Galvão (2001), mas não verificada, pois a pesquisadora investigou apenas o processo de gramaticalização da expressão *diz que*. Outra pesquisa que vislumbra um possível surgimento de marcas que especificam a fonte da informação no português é a de Hattner (2001), na qual expressões do tipo: *diz que, parece que, sei lá, não sei*, podem ser consideradas como **estratégias de (des)comprometimento** e passam pelo mesmo processo de gramaticalização, ou seja, estão deixando de ser itens lexicais plenos para assumirem uma nova função: a de itens evidenciais ou modais; concluindo que o grau de comprometimento do falante pode ser avaliado em correspondência com o nível da organização estrutural da frase em que atua o modalizador e depende da intenção comunicativa do falante.

Discutindo-se a relação entre a existência de uma correspondência entre o grau de comprometimento que o falante pode ter com a proposição que emite e o nível em que atua o modalizador, Thompson (1996, p. 37) afirma que é possível determinar alguns valores ou escalas indicativas para este grau: alto, médio e baixo; tomando por base o estabelecido por Halliday (1994) para os operadores modais, conforme o grau de proximidade, de probabilidade ou certeza conferido à declaração.

Os valores instituídos são, segundo Thompson (1996), importantes para a análise modal, porque, diversas vezes, alguns itens lingüísticos ou, até mesmo, os mesmos itens lingüísticos, podem estar implicando, na proposição, diferenciados graus de comprometimento.

Entretanto, esta estudiosa observa que as denominações alto, médio e baixo não são consideradas como categorias absolutas e que representam uma área cuja utilidade

pode ser relevante na investigação do comprometimento do falante com a asserção emitida, trazendo, como consequência, uma importante contribuição para a análise de textos em diversas áreas, como também a explicitação das estratégias discursivas concernentes a cada nível.

Como ilustração, pode-se observar a escala de valores nos exemplos dados por Thompson (1996, p. 37) envolvendo outras áreas da modalidade – a modalização e a modulação⁸, conforme no quadro a seguir:

GRAU DE COMPROMETIMENTO	CATEGORIAL MODAL ⁹	
	MODALIZAÇÃO	MODULAÇÃO
ALTO	I shall NEVER be happy again. (Eu nunca serei feliz novamente.)	You MUST ask someone. (Você deve chamar alguém.)
MÉDIO	They SHOULD be back by now. (Eles deveriam estar de volta agora.)	You OUGHT to invite her. (Você tem a obrigação de convidá-la.)
BAIXO	I MAY be quite wrong. (Eu posso estar muito errado.)	You CAN help yourself to a drink. (Você pode ajudar a si parando de beber.)

Quadro 09: Escala de valores do grau de comprometimento (THOMPSON, 1996).

As marcas evidenciais servem como estratégias discursivas na construção textual para um maior ou menor comprometimento com a proposição que se quer considerar,

⁸ A modulação, em Halliday (1994), corresponde à modalização no eixo da conduta (deôntica).

⁹ Cf. nota 3, p. 19.

portanto, promovem a indicação da fonte do saber expresso pelo falante determinando o grau de tensão que se estabelece entre os interlocutores (HATTNER, 2001, p. 118). Desse modo, descrever essas marcas envolve uma relação direta do grau de envolvimento do falante com o que está querendo dizer, fornecendo ao ouvinte subsídios que o farão interpretar corretamente a mensagem proposta como sendo de uma fonte ou não, responsabilizando essa fonte pelo que foi dito.

Vale ressaltar que essa relação entre níveis de comprometimento e evidencialidade foi proposta aqui para a análise dos dados desta pesquisa; então, torna-se oportuna, por hipótese, a tentativa de caracterização de algumas marcas evidenciais, observando a utilização destas como estratégia de (des)comprometimento, as quais se podem classificar como:

a) ESTRATÉGIA DE ALTO COMPROMETIMENTO

O nível evidencial que caracteriza um alto comprometimento esclarece uma atitude de apropriação da informação, isto é, a informação adquirida agora é repassada como se fosse do próprio falante/produtor textual. Alguns exemplos são mostrados a seguir:

(D6.I.33-116) ... PROCURO MOSTRAR que Allen lança mão do destaque que escritores, como Dostoiévski, dão às adversidades enfrentadas pelo homem no mundo (p.14).

(D8.I.03-191) Neles BUSCAREI PERCEBER qual a imagem de sertão e de homem sertanejo que este cineasta leva à tela, ... (p.11).

(D8.I.24-212) No primeiro capítulo DISCUTIREI como o autor constrói o espaço, o que nos leva a observar a paisagem exposta nos filmes (p.27).

Nota-se que as marcas evidenciais¹⁰ caracterizadoras de tal responsabilidade são expostas de modo claro, pois, ao fazer uso das desinências verbais de primeira pessoa do singular, o falante/produtor textual se compromete totalmente com a informação que ele próprio veicula, tomando-a como dele e só dele.

b) ESTRATÉGIA DE MÉDIO COMPROMETIMENTO

O nível evidencial que caracteriza um médio comprometimento estabelece uma relação de atenuação da responsabilidade com a informação repassada, ou seja, o falante não se compromete diretamente com a informação que está veiculando, utilizando, por vezes, fatos inferidos por meio de reflexões. Observem -se os exemplos abaixo:

(D3.C.08-43) ... CREMOS QUE a união da educação básica, da qualificação e da empregabilidade não representa garantia de emprego ou ocupação para as pessoas (p.111).

(D6.C.12-140) Outra sugestão PARECE ESTAR em que a ilusão da arte pode nos distrair por pouco tempo da inevitabilidade da morte, ... (p.98).

Verifica-se uma projeção de uma informação que é do falante, mas que ele veicula como se o comentário não fosse dele, utilizando marcas evidenciais que promovem uma atenuação da responsabilidade com o que está sendo dito, como, por exemplo: a utilização de desinências verbais de 1ª pessoa do plural (ocorrência 43) ou de evidencialidade inferencial com os verbos “parecer”, “sugerir”, etc. (ocorrência 140).

¹⁰ A expressão das marcas evidenciais é discutida no capítulo 3.

c) ESTRATÉGIA DE BAIXO COMPROMETIMENTO

O nível evidencial que caracteriza um baixo comprometimento é aquele que denota um grau menor de adesão à tese defendida por terceiros, isto é, promove uma aparente neutralidade com o que está sendo dito/escrito. Como é o caso dos exemplos seguintes:

(D1.I.06-06) O venezuelano Victor Bravo (1985), [...], ASSEVERA que o Fantástico se produz quando um dos mundos propostos por esse tipo de narrativa, transgredindo o seu limite, “invade o outro para perturbá-lo, negá-lo, tachá-lo ou aniquilá-lo de algum modo”, ... (p.12).

(D7.I.06-147) SEGUNDO Roger Chartier: “Trabalhando assim sobre as representações que os grupos modelam deles próprios ou dos outros, afastando-se, portanto, de uma dependência demasiado estrita relativamente à história social, ... (p.12).

(D10.C.20-288) ... COMO RESSALTA Araújo (1996, p. 235), se os escritores de resenhas acadêmicas estiverem conscientes de que as resenhas, como uma modalidade de gênero, se organizam através de um certo número de ‘movimentos’ e ‘funções’, ... (p.105).

As marcas evidenciais que caracterizam o baixo comprometimento são utilizadas de modo claro e específico em citações de idéias e pensamentos, as fontes são explicitadas de modo relativamente neutro. Algumas dessas marcas relacionam-se com expressões prepositivas (ocorrências 147 e 288) ou verbos *dicendi* (ocorrência 06).

Há uma particularidade em relação ao baixo comprometimento que está relacionada com o gênero discursivo estudado nesta pesquisa. No discurso acadêmico, existem normas singulares de citação das fontes de informação, quando estas não estão diretamente indicadas no texto, as quais são especificadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Ocorre que, quando o produtor textual utiliza este tipo de citação, ele está se comprometendo minimamente com a informação que apresenta, pois está utilizando aspectos convencionais para indicação da fonte da informação, como também não está inferindo alguma proposição por meio de algum comentário, mas

apenas apresentando as idéias de outrem. Pode-se confirmar tal fato nos exemplos a seguir:

(D2.C.10-31) ... o que implica na “transformação do gosto que só o artista é capaz de intuir”⁶⁴. (p. 79).
(A INDICAÇÃO DA FONTE ENCONTRA-SE EM NOTA DE RODAPÉ)

(D10.I.03-240) ... entendendo que tal descrição poderá ser de grande utilidade para as comunidades discursivas (Swales, op. cit.) que utilizam o gênero (p.2).

(D10.C.21-289) Ao lado do conhecimento a respeito da organização do gênero em termos da distribuição das informações, a “consciência retórica” (Swales, 1990, p. 213) inclui igualmente a percepção de que os gêneros se caracterizam por padrões lexicais específicos (p.106).

A partir das bases teóricas especificadas até aqui, proceder-se-á à análise e sistematização da utilização das marcas evidenciais como estratégias discursivas que colaboram na veiculação expositivo-argumentativa das informações nas dissertações acadêmicas.

⁶⁴ SOUZA, Nelson Mello e. *Modernidade: Desacertos de um consenso*. Campinas...

CAPÍTULO 3 – A MANIFESTAÇÃO DA EVIDENCIALIDADE
NAS DISSERTAÇÕES ACADÊMICAS

3.1 METODOLOGIA

3.1.1 CONSTITUIÇÃO E DELIMITAÇÃO DO *CORPUS*

A obtenção dos dados para esta pesquisa concretizou-se a partir da organização de um *corpus* constituído por dissertações acadêmicas, porque se supõe que esse gênero textual apresenta, em grande medida, a explicitação de fontes que não são o próprio autor, o que amplia o quadro de uso das marcas de evidencialidade na relação observável com o grau de (des)comprometimento do produtor textual com a informação veiculada.

Diante da extensa quantidade desse tipo de trabalho acadêmico, há a necessidade de a investigação abranger apenas uma parte desse universo; por isso o *corpus* constitui-se de 10 dissertações defendidas na Universidade Federal do Ceará, que se encontram armazenadas na Biblioteca do Centro de Humanidades no *Campus* do Benfica. Foram escolhidas duas dissertações, aleatoriamente, de cada uma das seguintes áreas das Ciências Humanas: Educação, História, Linguística, Literatura e Sociologia.

Fez-se necessário um recorte direcionador bem mais específico dentro do próprio *corpus*, restringindo-se a identificação e a análise das ocorrências à parte introdutória e à parte conclusiva das dissertações coletadas. Optou-se pela introdução, porque ela inicia, supostamente, uma apresentação das diretrizes gerais da dissertação, sendo o espaço em que o produtor textual especifica as bases teóricas nas quais irá se firmar. Utilizou-se a conclusão, porque nela sistematiza tudo o que foi dito anteriormente, tecendo considerações a respeito. Com esse recorte, é possível se ter uma boa amostragem das estratégias discursivas que envolvem a evidencialidade, as quais promovem uma maior ou menor aproximação com as informações que são veiculadas,

isto é, pode-se observar em que nível se dá o (des)comprometimento do autor em relação ao que ele diz.

A partir dessas amostras textuais nas dez dissertações colhidas, foram identificadas e analisadas 290 ocorrências.

3.1.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a codificação das ocorrências, utilizou-se uma notação própria que particulariza a dissertação (D1, D2, D3, D4, D5, D6, D7, D8, D9, D10)¹¹, a parte analisada (I – Introdução; C- Conclusão), o número da ocorrência na dissertação (01, 02, 03, 04, 05...) e o número em relação ao total de ocorrências no *corpus* em ordem crescente pela verificação (01, 02, 03, 04, 05...); tal como no seguinte exemplo: (D3.C.24-59). A ocorrência foi verificada na terceira dissertação da lista de abreviaturas, no recorte conclusivo; foi a vigésima quarta ocorrência encontrada nesta dissertação, de um total de cinquenta e nove ocorrências já detectadas.

Em seguida, verificou-se a manifestação das categorias de análise, as quais foram divididas em três aspectos: aspectos sintáticos, subdivididas em: a) categoria de expressão da evidencialidade (verbo, substantivo, adjetivo, preposição e convenções da ABNT); e b) posição no enunciado (anteposição, intercalamento, posposição); aspectos semânticos de expressão da evidencialidade (explícita só do falante, explícita compartilhada, direta, indireta, experiencial, citativa, inferencial); e aspectos pragmático-discursivos (efeitos de alto, médio e baixo comprometimento). Para

¹¹ Cf. lista de abreviaturas.

organizar essas categorias, foi desenvolvida uma ficha de análise, tal como ilustrada a seguir com a ocorrência 1:

FICHA DE ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS
<p>Ocorrência 1: (D1.I.01) PARA o búlgaro Tzvetan Todorov (1970)... (p.11).</p> <p>A) Posição no enunciado: Anteposta(x) Intercalada() Posposta()</p> <p>B) Classe morfossintática: Verbo() Substantivo() Adjetivo() Advérbio() Preposição(x)</p> <p>C) Natureza semântica da evidência: Explícita só do falante() Explícita compartilhada(x) - Hattner (1995) Direta() Indireta(x) - Willet (1988) Inferencial() Citativa(x) Experiencial() - Hengeveld (1988)</p> <p>D) Avaliação do (des)comprometimento: Níveis de comprometimento: Alto() Médio() Baixo(x)</p>

Quadro 10: Ficha de análise das ocorrências.

A partir da análise e da codificação das ocorrências, foram avaliadas as categorias (variáveis) elencadas anteriormente, constituindo-se um arquivo de dados que foi submetido à análise quantitativa (verificação de frequência) mediante a utilização do subprograma Makecell do pacote computacional Varbrul.

A análise qualitativa dessas variáveis foi feita de modo integrado com o propósito de verificar os aspectos sintáticos e semânticos em relação ao pragmático (parâmetro do (des)comprometimento).

Ao final, fez-se a sistematização dos resultados encontrados, os quais se discutem no tópico que segue.

3.2 RESULTADOS, ANÁLISE E DISCUSSÃO

3.2.1 A NATUREZA SEMÂNTICA DA EVIDÊNCIA

A categoria de análise natureza da evidência, que é uma categoria semântica, é aqui verificada de três formas integradas¹², ou seja, por meio do *compartilhamento* – na dicotomia fonte explícita só do falante vs fonte explícita compartilhada –; de sua *diretividade* – na dicotomia direta vs indireta –; e por sua *perceptividade* – na tricotomia inferencial vs citativa vs experiencial. Esta integração foi possível pela inter-relação das pesquisas de Hatther (1995), Willett (1988) e Hengeveld (1988), os quais propuseram algumas tipologias para as marcas evidenciais, conforme já discutido no capítulo 2.

Assim sendo, propõe-se, neste trabalho, que a marca evidencial depende da integração de três fatores para que se verifique sua natureza.

a) *COMPARTILHAMENTO* DA FONTE EXPLÍCITA¹³

O primeiro fator é o *compartilhamento* da evidência, pois o falante/produtor

¹² Os termos *compartilhamento*, *diretividade* e *perceptividade* não são termos utilizados pelos autores das propostas consideradas, consistem em rótulos sugeridos pela autora desta dissertação.

¹³ A evidencialidade também pode ser implícita, já que toda informação provém de uma fonte, ainda que ela não esteja lingüisticamente expressa. Para esta pesquisa que trata da manifestação da evidencialidade interessa apenas a explicitude de tal categoria.

textual pode veicular uma informação que seja só dele – explícita só do falante – ou da comunidade na qual ele está inserido – explícita compartilhada.

Conforme afirma Hattnher *et al* (2001, p. 116-117):

O falante também pode optar por não indicar o tipo de evidência de que dispõe, se o conhecimento subjacente à sua avaliação for do domínio comum, ou, principalmente, se ele quiser fazer parecer que é um conhecimento compartilhado.

Esta dicotomia é verificada neste estudo pelas variáveis:

a.1) Explícita só do falante:

A fonte da informação é o próprio produtor textual, e ele divulga uma informação cuja fonte é só ele, ou melhor, que pertence a ele, pois foi “concebida” e “concluída” por ele, e é a partir dele que a informação começa a ser veiculada. Uma marca bem característica da natureza explícita da evidencialidade só do falante é a utilização do verbo¹⁴ na 1ª pessoa do singular, conforme se observa nos exemplos a seguir:

(D6.I.04-87) ... PERCEBI QUE o autor fazia alusão à influência recebida por Allen da obra de Kierkegaard (p.10).

(D6.I.36-119) Por fim, PROCURO MOSTRAR QUE o judaísmo aparece em sua obra como expressão étnica e religiosa, que remete ao meio em que ele foi criado (p. 14).

(D7.I.09-150) O primeiro se refere a *história social do escritor*, QUE CONSIDERO melhor formulado... (p.13).

a.2) Explícita compartilhada:

A fonte da informação não é veiculada como sendo o produtor textual; pelo contrário, ele utiliza estratégias discursivas para parecer que a informação é conhecida de todos, ou seja, tanto dele próprio quanto do leitor. Nota-se, nos exemplos abaixo,

¹⁴ A especificação da marca evidencial verbal é feita no tópico 3.2.2.1.

que uma das estratégias é a utilização do verbo conjugado na 1ª pessoa do plural (ocorrências 41, 51 e 83) ou na 3ª pessoa do singular com verbos *dicendi* (ocorrência 226), como também a citação – o nome do estudioso(a) – da fonte da informação que o produtor textual divulga (ocorrências 41 e 226). Verifica-se, também o uso da preposição para a introdução de tais informações (ocorrência 147). Como se observa nos exemplos abaixo:

(D3.C.06-41) ... COMPARTILHAMOS das idéias de Aglietta apud Menelau Neto (1998) ao afirmar que o desemprego hoje não é resultado somente de fatores estruturais, mas também de determinação políticas (p.110).

(D3.C.16-51) CONSIDERAMOS que a ausência de qualidade no treinamento serve de testemunho para mostrar que determinadas instituições privadas, responsáveis em qualificar trabalhadores, caminham sem qualquer fiscalização, ... (p.113).

(D7.I.06-147) SEGUNDO Roger Chatier: Trabalhando assim sobre as representações que os grupos modelam deles próprios ou dos outros, afastando-se, portanto, de uma dependência demasiado estrita relativamente à história social, entendida no sentido clássico, a história cultural pode regressar utilmente ao social... (p.12).

(D8.C.03-226) François Boucher, um dos mestres do Rococó, DISSE que a natureza é verde demais e mal iluminada (p.159).

O gráfico a seguir exhibe a frequência das ocorrências referentes à análise do tipo de evidência, considerando-se, segundo Hattner (2001), se ela é de natureza explícita só do falante – com 58 ocorrências – ou explícita compartilhada – com 232 ocorrências –:

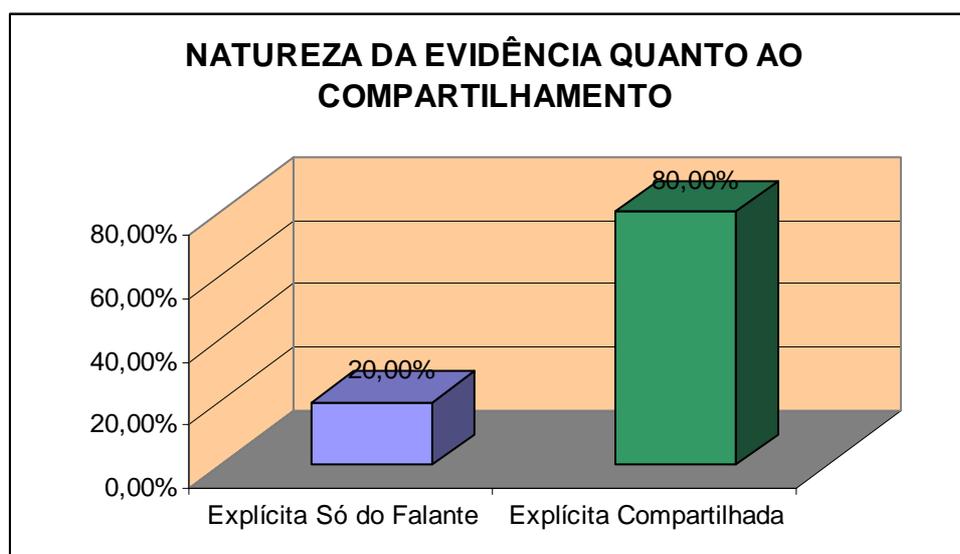


Gráfico 1: Natureza da evidência quanto ao compartilhamento

Como se observa no gráfico 1, a natureza da evidência explícita compartilhada é muito mais utilizada nas dissertações acadêmicas. Isso se deve ao fato de que o produtor textual prefere não se identificar como a fonte da informação, mas como alguém que participa do compartilhamento dessa fonte. A natureza da evidência só do falante é uma marca que envolve muita responsabilidade pessoal de quem está se identificando como a fonte da informação, provavelmente por isso, é a menos utilizada nesse nível de trabalho acadêmico de grau.

b) DIRETIVIDADE

O segundo fator é a *diretividade*, delimitada por Willett (1988)¹⁵ em evidência direta ou evidência indireta, atestando uma “vivência” do falante/produtor textual em relação à informação por ele fornecida, isto é, o falante/produtor textual “projeta” por si

¹⁵ Cf. quadro 05 no capítulo 2.

próprio – direta – ou através de outra fonte que não seja ele – indireta – a veiculação de um conteúdo. Tal dicotomia é aqui averiguada por meio das seguintes variáveis:

b.1) Direta:

A marca evidencial direta é aquela que atesta uma maior participação do produtor textual no ato de veiculação da informação, identificando-se totalmente como o autor do conhecimento especificado. Sua particularidade mais marcante é a utilização da 1ª pessoa do singular (ocorrência 130), como se observa a seguir no exemplo:

(D6.C.02-130) ... MOSTREI QUE o religioso vai sendo tecido na obra de Allen a partir de contribuições culturais de que ele se utilizou como o cinema, as filosofias da existência, a literatura russa, a psicanálise e o humor judaico (p.96).

b.2) Indireta:

A utilização desse tipo de marca evidencial projeta no leitor uma espécie de afastamento do produtor textual com o que está sendo dito, pois ele afirma algum argumento e cita a fonte da informação como não sendo ele. Observe-se que, na ocorrência 43 abaixo, o produtor textual chega a uma conclusão expressa em algum conteúdo, mas, ao afirmar seu raciocínio mental, ele emprega o verbo na 1ª pessoa do plural, significando que ele e mais alguém chegaram a tal conclusão. Acontece que o constructo mental é somente dele, mas ele usa uma estratégia discursiva para se afastar da responsabilidade de afirmar “sozinho” tal idéia. A seguir, alguns exemplos com marcas evidenciais indiretas:

(D3.C.08-43) ... CREMOS QUE a união da educação básica, da qualificação e da empregabilidade não representa garantia de emprego ou ocupação para as pessoas (p.111).

(D6.C.04-132) ... Allen SENTE uma obrigação em revelar a real natureza de nossos dilemas éticos coletivos, ... (p.97).

(D7.C.04-181) O Jornal *A Quinzena*, de 1887, é resultado do entusiasmo dos intelectuais com sua participação na abolição da escravatura do Ceará quatro anos antes das outras províncias do Brasil, o que, SEGUNDO eles, atestava a propensão do povo cearense para o progresso e a civilização (p.133).

(D10.C.22-290) ... os pesquisadores poderiam voltar sua atenção para resenhas cujo propósito comunicativo caracteriza-se mais pelo aspecto “promocional” (BHATIA, 1997a, 1997b)... (p.107).

Singulariza tal marca o uso de verbos que não estejam conjugados na 1ª pessoa do singular (ocorrências 43, 78 e 132), o uso de expressões prepositivas¹⁶ (ocorrência 181), e o uso de normas de referências bibliográficas (ocorrência 290).

A seguir exibe-se o gráfico da frequência das ocorrências referentes à análise do tipo de evidência que, segundo Willet (1988), pode ser de natureza direta – com 22 ocorrências – ou indireta – com 268 ocorrências –:

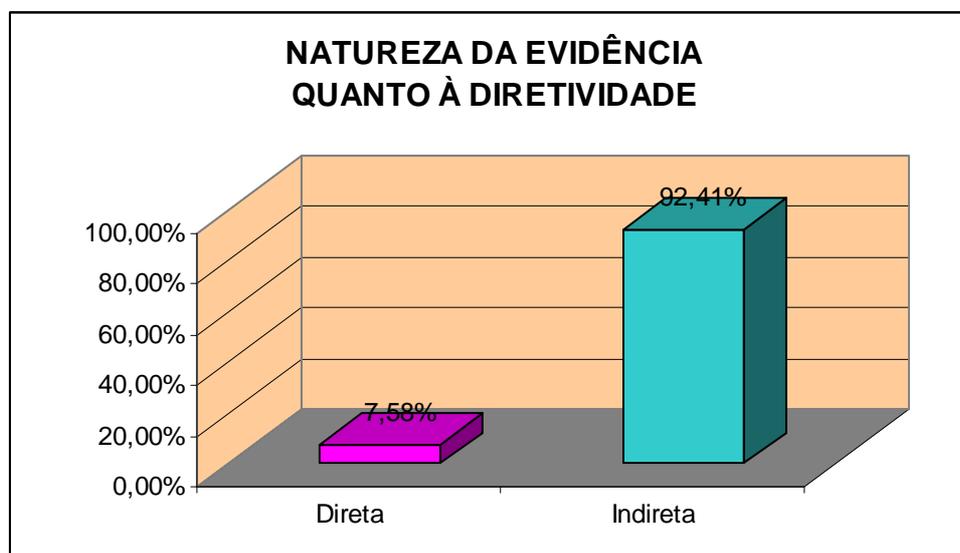


Gráfico 2: Natureza da evidência quanto à *diretividade*

O resultado obtido com o gráfico 2, demonstra que o produtor textual frequentemente opta por expressar-se de forma indireta, utilizando marcas evidenciais que expressam esse distanciamento com o que está sendo dito. Colaboram nesse sentido

¹⁶ A especificação da marca evidencial prepositiva é feita no tópico 3.2.2.1.

as indicações dos manuais de metodologia científica que sugerem uma escrita impessoal na 1ª ou na 3ª pessoa do plural. Por outro lado, a marca evidencial direta foi muito pouco utilizada devido explicitar a fonte da informação como sendo o próprio produtor textual, de uma forma muito particular, aproximando diretamente a informação dita com sua fonte, consoante afirma Willett: “O falante afirma ter percebido [...] a [informação] descrita”.¹⁷

c) *PERCEPTIVIDADE*

O terceiro fator é a *perceptividade*, definida aqui como sendo a faculdade de sentir, julgar ou apreciar uma informação, oferecendo ao produtor textual maneiras diversas de retransmiti-la, de modo que ele pode se apresentar ou não como a fonte do que foi dito. Na tipologia de Hengeveld (1988) a evidencialidade distingue-se da modalidade epistemológica subjetiva. Por meio da evidencialidade, o produtor textual explicita como fonte ou uma inferência (feita por ele a partir de indícios), ou uma experiência (dele) ou uma outra pessoa (citativa).

A proposta de Hengeveld (1988)¹⁸ constitui-se da seguinte classificação tricotômica para a categoria evidencialidade:

c.1) Inferencial:

A marca evidencial inferencial explicita uma construção mental de uma informação envolvendo o raciocínio lógico do produtor textual. Tal informação passa a

¹⁷ Cf. quadro 05 no capítulo 2.

¹⁸ Cf. quadro 03 no capítulo 2.

ser veiculada com base nas percepções do produtor textual, conforme se verifica nos exemplos abaixo:

(D6.I.03-86) Mas, Allen também apresenta uma tensão em seu trabalho, que PARECE REVELAR uma ansiedade em vista de algo que não possui, bem como por um mal-estar ante as aflições do mundo (p.9).

(D10.I.19-256) Essa noção, conquanto possa não ser tão “libertária” quanto o SUGERIRIAM Freedman e Medway (1994), permeia toda a obra dos analistas de gênero norte-americanos (p.5).

Nos exemplos citados foram utilizadas marcas evidenciais verbais, que exprimem semanticamente uma relação de projeção de idéias, que foram configuradas através de inferência, dedução, percepção, etc., provocando no leitor a idéia de que a informação dita foi inferida pelo produtor textual.

c.2) Citativa:

A marca evidencial citativa se configura a partir da existência de uma fonte da informação que não é o produtor textual, a qual aparece explicitamente no texto. Os exemplos a seguir ratificam essa afirmação:

(D2.I.05-26) A proliferação de cursos de relações humanas e livros de auto-ajuda não são mais do que um reflexo daquilo que Giddens CLASSIFICOU como transformação da natureza do pessoal (p.6).

(D3.C.17-52) O relato é uma alerta à sociedade civil organizada que precisa reivindicar uma política pública de qualificação profissional *sob a responsabilidade direta do Estado* (NEVES, 2000), pois, assim, possibilitará a fiscalização da sociedade civil organizada que deverá cobrar e exigir qualidade na qualificação para o trabalho (p.113).

(D9.I.01-234) SEGUNDO as teorias sócio-interacionais da linguagem o texto é concebido como uma atividade comunicativa construída por sujeitos sociais em interação quando conduzidos por variados propósitos e interesses (p.11).

Fica claro a citação de uma fonte da informação e da própria informação em todas as ocorrências, entretanto; a expressão evidencial não é a mesma, verificando-se o uso de verbos *dicendi* (ocorrências 26), de preposição (ocorrência 234) e de normas técnicas de citação (ocorrência 52).

c.3) Experiencial:

A marca evidencial experiencial caracteriza uma situação sentida e vivida pelo produtor textual, ou seja, ele relata uma experiência que teve, sendo esta a fonte da informação por excelência.

Concernente a essa marca, vale ressaltar a subclassificação postulada por Willett (1988) para a evidência direta¹⁹ no que diz respeito à experiência: a) EvVisual: o falante relata o que viu; b) EvAuditiva: o falante relata o que ouviu; c) EvSensorial: o falante relata o que sentiu fisicamente. Um exemplo de marca evidencial experiencial visual é o que se observa no exemplo abaixo:

(D8.I.13-201) Devo registrar que VI referência a um filme de 1919 feito no Rio de Janeiro, o longa *Alma Sertaneja*, de Luiz de Barros (p.18).

O relato de experiência do produtor textual é explicitado pela marca evidencial experiencial, conforme se observa na ocorrência 201, na qual se verifica o uso de um verbo pleno de significado relacionado ao sentido da visão.

No gráfico a seguir projeta-se a frequência das ocorrências na análise do tipo de evidência que, segundo Hengeveld (1988), são de natureza inferencial – com 130 ocorrências –, citativa – com 155 ocorrências – ou experiencial – com 5 ocorrências –:

¹⁹ Cf. quadro 05 no capítulo 02.

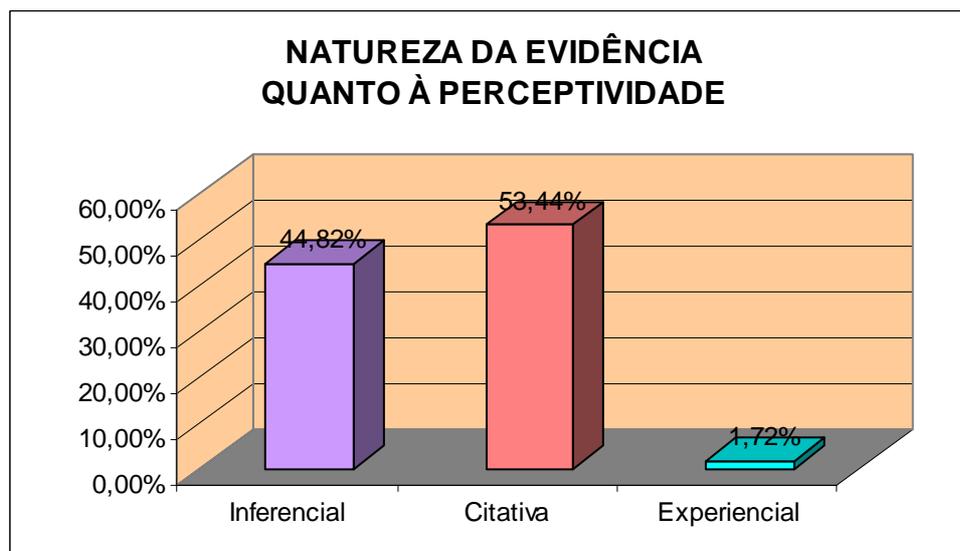


Gráfico 3: Natureza da evidência quanto à *perceptividade*.

No gráfico 03, observa-se uma pequena diferença de frequência entre as marcas evidenciais inferencial e citativa. No caso da marca evidencial citativa, colabora para seu uso o chamado *argumento de autoridade*, com que se procura legitimar as teses defendidas no discurso acadêmico, consoante pregam os manuais de metodologia dos trabalhos acadêmicos, daí seu uso ser mais utilizado. A marca evidencial inferencial é a segunda mais utilizada porque exprime o raciocínio do produtor textual, corroborando na veiculação das informações em que a fonte é o próprio produtor textual.

3.2.2 A EXPRESSÃO DA EVIDENCIALIDADE

Para a análise da expressão da evidencialidade, investigou-se a classe sintática de manifestação dessa categoria, especificada nas quatro classes a seguir: a) verbo, b) substantivo, c) adjetivo, d) preposição²⁰. Acrescenta-se à essas classes uma quinta

²⁰ As outras classes não ocorreram no *corpus* desta pesquisa.

categoria considerada marca evidencial no discurso acadêmico: e) convenções da ABNT.

A expressão da evidencialidade também está associada com a posição da marca formal relativamente à informação veiculada, especificadas como: a) anteposição, b) intercalamento, c) posposição.

A tabela 01 a seguir exhibe a frequência das ocorrências na análise do tipo de expressão evidencial, considerando-se os cinco tipos verificados: verbo, substantivo, adjetivo, preposição e convenções da ABNT:

MARCA EVIDENCIAL	Nº DE OCORRÊNCIAS	FREQÜÊNCIA
Verbo	210	72,41%
Preposição	31	10,68%
Adjetivo	21	7,24%
ABNT	20	6,89%
Substantivo	8	2,75%

Tabela 1: Frequência das marcas evidenciais sintáticas.

Os resultados obtidos na análise da expressão de manifestação da categoria evidencialidade indicam que a marca evidencial verbal é utilizada em larga escala e de maneira muito mais ampla que as demais. Isso ocorre porque o verbo é o termo que exprime a proposição da forma mais asseverativa possível, estando no cerne da predicação. A marca evidencial prepositiva favorece a marca evidencial citativa, sobretudo na explicitação da fonte, quando esta não é o produtor textual. As marcas evidenciais adjetivas e as substantivas ocorrem com menor frequência. A ocorrência das convenções da ABNT como marca evidencial também foi baixa, tratando-se de um

recurso da evidencialidade por excelência no discurso acadêmico, porque expressa de forma categórica a fonte da informação e a informação veiculada.

Em vista disso, passa-se a descrever como se manifestam tais marcas evidenciais no *corpus* coletado, optando-se aqui pelas definições propostas na *Gramática de usos do português* para as categorias de análise a serem averiguadas, por ser esta uma obra de referência que mostra como está sendo usada a língua portuguesa atualmente no Brasil, além de também utilizar, em sua constituição, amostras de uso da língua.²¹

a) VERBO

a.1) EM RELAÇÃO AOS TIPOS DE VERBOS

De acordo com Neves (2000, p.25):

Os verbos, em geral, constituem os predicados das orações. Os predicados designam as propriedades ou relações que estão na base das predicções que se formam quando eles se constroem com os seus argumentos (os participantes da relação predicativa) e com os demais elementos do enunciado.

Algumas subclassificações são apresentadas para se especificar a natureza do verbo, tais como: a) subclassificação semântica, b) subclassificação com integração de componentes²², c) subclassificação segundo a transitividade. Interessa a esta pesquisa a primeira e a última subclassificação, a primeira porque relaciona o conteúdo lexical do verbo com o nível de comprometimento, e a segunda por estar relacionada com a estrutura argumental que comporta a valência verbal, ou seja, a capacidade de os verbos abrirem casas para preenchimento por termos (sujeito e complemento). Segundo a

²¹ Consoante afirma Neves (2000, p. 13): “A meta final, no exame, é buscar os resultados de sentido, partindo do princípio de que é no uso que os diferentes itens assumem seu significado e definem sua função, e de que as entidades da língua têm de ser avaliadas em conformidade com o nível em que ocorrem, definindo-se, afinal, na sua relação com o texto”.

²² Refere-se, na verdade, a predicções pela integração de outros componentes, como aspecto e controle.

transitividade, há quatro classes principais de verbos: a) verbos cujo objeto sofre mudança no seu estado; b) verbos cujo objeto não sofre mudança física, isto é, não é um paciente afetado; c) verbos que possuem um complemento não-preposicionado (objeto direto) e um complemento preposicionado; d) verbos que têm complementos oracionais.

Vale ressaltar aqui a classificação dos verbos que têm complementos oracionais, pois, neste conjunto, abrigam-se verbos de modalidade, de cognição, de manipulação, de elocução. Com essa classificação, especialmente com as classes dos modais, cognitivos e manipulativos, cruza-se outra classificação, na qual interfere a atitude do falante na situação do discurso. Essa classificação se refere a uma relação de pressuposição ou de implicação entre a oração completiva (objetiva ou subjetiva) e a principal, e separa dois grupos de verbos, os factivos e os implicativos, com subgrupos. Observa-se em relação a isso que: a) verbos de modalidade, bem como de manipulação (e alguns de elocução) estão nos subgrupos dos implicativos, uma classe muito ampla; b) verbos de cognição (e alguns de elocução) estão entre os factivos.

Dentre esses tipos explicitados por Neves (2000), verificou-se nesta pesquisa que tipos de verbos podem expressar a evidencialidade:

- Verbos factivos:

Neves (2000) afirma que “são os predicados que têm a propriedade de implicar, por parte do falante, a pressuposição de que a proposição completiva é factual (isto é, o fato expresso na oração completiva é verdadeiro)”. Sua classificação compreende quatro tipos de verbos, mas interessa a esta pesquisa somente aquele que expressa a evidencialidade verificada no *corpus*, como é o caso da classificação do verbo epistêmico (*saber, compreender, descobrir, ignorar, lembrar-se, perceber, notar,*

observar, aperceber-se, recordar-se, e expressões como: dar-se conta, ter em mente, levar em conta e similares). Tal classificação é demonstrada nos exemplos a seguir:

(D1.C.16-16) ... e PUDEMOS PERCEBER que os referidos contos eram ricos o suficiente para a exemplificação de nossos estudos, ... (p.107).

(D3.C.10-45) OBSERVAMOS que ao se pensar a vida de egressos após uma qualificação profissional, a pergunta inicial feita por muitos é se eles conseguiram emprego ou alguma ocupação (p.111).

(D6.I.40-123) RESSALTO, ainda, o valor do expressionismo alemão, como uma postura estética de Allen na construção de seu filme, ... (p.126).

(D8.I.10-198) Quando PRESSUPOMOS que nossos cineastas escolheram arquétipos heroicizados [...], não negamos em nenhum momento que esses tipos [...] existem ou existiram (p.15).

- Verbos implicativos:

“São os predicados que envolvem a noção de condição necessária e suficiente, que apenas determina se o estado-de-coisas descrito na oração completiva ocorre ou não” (NEVES, 2000).

Os predicados implicativos podem ser de quatro tipos diferentes; entretanto, apenas três manifestam a evidencialidade: a) afirmativos (*conseguir, chegar a, lembrar, lembra-se, preocupar, preocupar-se com, inquietar-se com, ter a desgraça de, aproveitar a ocasião de, dar-se o trabalho de, ocorrer, acontecer, residir, advir e similares*); b) negativos (não + implicativos afirmativos, *esquecer-se de, recusar-se a, evitar, abster-se de, deixar de*); c) causativos – são verbos implicativos menos perfeitos, ou implicativos simples – (afirmativos: *fazer, causar, forçar, provocar, assegurar, provar, mostrar, cuidar, implicar, significar e similares*; negativos: *impedir, proibir, dissuadir, desencorajar e similares*). Abaixo se especificam alguns exemplos:

(D1.I.10-10) RESIDE, pois, em Victor Bravo uma “retórica do outro” ao tomar como regra para a instauração, e até para a construção do fantástico, a existência de dois mundos, de dois espaços ou de duas realidades [...] e o iminente choque entre os mesmos (p.12).

(D2.I.01-22) Armand Mattelart, [...], FAZ uma análise do nascimento e influência dos meios de comunicação, fazendo uma viagem que vai da criação do telégrafo ao episódio da Guerra do Golfo, ... (p.02).

(D3.C.04-39) NÃO PODEMOS NEGAR na contemporaneidade o preceito marxista de que o trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, ... (p.111).

(D6.C.02-130) ... MOSTREI que o religioso vai sendo tecido na obra de Allen a partir de contribuições culturais de que ele se utilizou como o cinema, as filosofias da existência, a literatura russa, a psicanálise e o humor judaico (p.96).

(D10.C.16-284) VERIFICAMOS que os rótulos discursivos são utilizados produtivamente para articular entre si unidades e subunidades de informação, ... (p.104).

- Verbos de elocução:

Segundo Neves (2000): “são os verbos introdutores do discurso (discurso direto ou discurso indireto)”.

São de dois tipos e expressam a evidencialidade de forma plena: a) verbos de dizer ou *dicendi* (*falar, dizer, queixar-se, comentar, confidenciar, observar, protestar, explicar, avisar, informar, responder, sugerir* e similares ou paráfrases); b) verbos que introduzem discurso, mas não necessariamente indicam atos de fala (*acalmar, ameaçar, consolar, desiludir, garantir, afirmar, rir, chorar, suspirar* e similares). Consoante se verifica nos exemplos seguintes:

(D1.I.06-6) O venezuelano Victor Bravo (1985), [...], ASSEVERA que o Fantástico se produz quando um dos mundos propostos por esse tipo de narrativa, transgredindo o seu limite, “invade o outro para perturbá-lo, negá-lo, tachá-lo ou aniquilá-lo ... (p.12).

(D1.I.15-15) ... pois se é verdade o que SUGERE a própria Irene Bessièrre (o homem reescreve o fantástico de acordo com o seu tempo), um dia, talvez, esses mesmos teóricos serão atropelados pela carruagem negra do tempo, guiada por algum crítico concunda que tratará de lacrar silentemente os seus caixões... (p.14)

(D2.I.08-29) ... Norbert Wiener AFIRMAVA que “o perigo da máquina para a sociedade não provém da máquina em si, mas daquilo que o Homem faz dela” (pp.8-9).

(D8.C.03-226) François Boucher, um dos mestres do Rococó, DISSE QUE a natureza é verde demais e mal iluminada (p.159).

- Verbos-suporte (são também chamados de verbos funcionais, verbos gerais, verbóides e verbalizadores):

A definição dada por Neves (2000) assegura que: “São verbos de significado bastante esvaziado que formam com seu complemento (objeto direto), um significado global, geralmente correspondente ao que tem um outro verbo da língua (dar, fazer, levar, etc.)”.

As construções com verbo-suporte compõem-se de: a) um verbo com determinada natureza semântica básica, que funciona como instrumento morfológico e sintático na construção do predicado; b) um sintagma nominal que entra em composição com o verbo para configurar o sentido do todo, bem como para determinar os papéis temáticos da predicação. Abaixo se observa um exemplo dessa classificação:

(D6.I.05-88) ... percebi que o autor FAZIA ALUSÃO à influência recebida por Allen da obra de Kierkegaard (p.10).

Entretanto, considerou-se tal ocorrência, nesta pesquisa, como marca evidencial substantiva, devido ao significado esvaziado do verbo e entendendo-se o sintagma nominal como o termo evidencial mais proeminente.

a.2) EM RELAÇÃO ÀS CATEGORIAS VERBAIS

- Número e pessoa:

Nos discursos acadêmicos, as formas verbais que caracterizam a evidencialidade são indicadas por duas das três pessoas do discurso: a) 1ª pessoa do singular (eu) e do plural (nós); e b) 3ª pessoa do singular (ele) e do plural (eles), conforme se observa nos exemplos seguintes:

(D5.C.02-71) Assim, ao finalizar, PERCEBEMOS a riqueza de informações que nos foram fornecidas acerca da vida... (p.124).

(D7.I.35-176) Enfim, ACREDITO QUE através da obra de Rodolfo Teófilo, é possível colocar em cheque os projetos de civilização dos literatos do século XIX, ... (p.19).

(D1.I.14-14) ... as idéias de Irene Bessière REVELAM principalmente o caráter evolutivo da própria genologia, ... (p.13).

(D6.C.04-132) ... Allen SENTE uma obrigação em revelar a real natureza de nossos dilemas éticos coletivos... (p.97).

- Tempo:

Os tempos do verbo que caracterizam a evidencialidade são os indicados pelo: a) presente: em referência a fatos que se passam ou se estendem ao momento em que se fala ou se escreve; b) pretérito: em referência a fatos anteriores ao momento em que se fala ou se escreve; c) futuro: em referência a fatos ainda não realizados. O tempo utilizado tem relação com o modo. Além disso, pode-se ter pretérito e futuro marcado pelo tempo verbal presente (psicológico). Verifica-se essa variação nos exemplos abaixo:

(D2.I.05-26) A proliferação de cursos de relações humanas e livros de auto-ajuda não são mais do que um reflexo daquilo que Giddens CLASSIFICOU como transformação da natureza do pessoal (p.06).

(D4.C.01-63) VERIFICA-SE, a partir dessa análise, que o valor conferido à capacitação PEQ depende do nível de escolaridade e apreensão dos alunos, ... (p.85).

(D10.I.19-256) Essa noção, conquanto possa não ser tão “libertária” quanto o SUGERIRIAM Freedman e Medway (1994), permeia toda a obra dos analistas de gênero norte-americanos (p.5).

- Modo:

No *corpus* coletado é o modo indicativo que configura a evidencialidade no discurso acadêmico, pois, conforme a posição do falante em face da relação entre a ação verbal e seu agente, é o indicativo que mais ocorre, conferindo factualidade ao que se diz.

- Voz:

As vozes do verbo que caracterizam a evidencialidade são: a) ativa: forma em que a fonte aparece como sujeito do verbo; b) passiva: forma verbal em que a fonte aparece como agente da passiva. A seguir, encontram-se exemplos de tais vozes, respectivamente:

(D1.I.04-4) ... e apesar de criticar Todorov em alguns pontos, acaba por seguir a mesma linha estruturalista ao DIZER QUE a narrativa fantástica acaba sendo uma espécie de organização dinâmica de elementos... (p.11).

(D6.I.14-97) O conceito de cultura apresentado por Geertz como uma “concepção simbólica” É RETOMADO POR Thompson (1995), como ponto de partida para a sua “concepção estrutural” de cultura (p.11).

- Aspecto:

A categoria aspecto costuma estar relacionada com a categoria tempo. Entretanto, a pura definição temporal e o tempo alude à posição da ação verbal no percurso,

enquanto a determinação aspectual alude à maneira de considerar a ação verbal no tempo. Segundo Neves (2000), tal oposição pode ser caracterizada por: a) a natureza dêitica²³ da categoria tempo (propriedade da sentença e da enunciação), que relaciona temporalmente o evento e a enunciação; b) a natureza não-dêitica da categoria aspecto (propriedade da sentença, mas não da enunciação), que se refere à constituição interna do desenvolvimento temporal do processo. Desse modo, tempo se liga à dêixis, mas aspecto se liga não apenas à não-dêixis, mas à quantificação, isto é, à intermediação na polaridade. Nessa intermediação, se abrigam os componentes *freqüência* e *duração*, que se resolvem, ambos, no desenrolar do processo visto em sua constituição temporal interna. É nessa constituição interna, portanto não-dêitica, que momentos ou intervalos de tempo se estendem (duração) ou se somam (freqüência). Assim, pois, freqüência e duração, enquanto indicações semânticas, tocam a semântica temporal, situando-se em um estado-de-coisas que evolui, temporalmente, de um estado inicial para um estado final, embora desconsiderada a ancoragem no tempo da enunciação.

A evidencialidade é expressa nesta categoria pelo aspecto durativo em forma de:

a) duração acabada ou pontual (ocorrência 261); b) duração inacabada, ou melhor, que ainda não acabou (ocorrência 132), consoante os exemplos seguintes:

(D6.C.04-132) ... Allen SENTE uma obrigação em revelar a real natureza de nossos dilemas éticos coletivos, ... (p.97).

(D10.I.24-261) É o caso de Motta-Roth (1995), que ESTUDOU resenhas produzidas em três diferentes culturas disciplinares, ... (p.7).

Pode-se observar também o valor argumentativo de um aspecto durativo que consiste em significar uma “verdade eterna”, como no exemplo abaixo:

²³ De referência à situação.

(D3.C.07-42) Não bastasse, existe a busca de adesão da classe trabalhadora às atuais medidas, mediante a captura da subjetividade operária, como bem ALERTA Alves (2000), tornando mais complexo o momento presente

O verbo, na ocorrência 42, tem o aspecto factual de algo interminável, que está num presente contínuo e sem qualquer perspectiva de término.

Nesta pesquisa, retomaremos apenas as categorias verbais de número e pessoa na especificação da expressão verbal.

b) SUBSTANTIVO

Conforme Neves (2000, p. 67): “Os substantivos são usados para referir-se às diferentes entidades (coisas, pessoas, fatos, etc.) denominando-as”.

O que caracteriza a marca evidencial substantiva é a utilização de substantivos abstratos (nomes de ação, de processo ou de estado), que, derivados de verbos, podem ser de diversos tipos, dependendo da entidade ligada ao verbo que esteja sendo denominada. Dentro da estrutura de predicado de uma oração, o sintagma nominal é um termo, mas o nome, sendo de determinada natureza, pode constituir o núcleo de um predicado, selecionando argumentos. É o que ocorre com os nomes valenciais, que definem, do mesmo modo que o verbo, estrutura argumental e regência. Acontece que nem todos os substantivos abstratos que constituem núcleo de predicado são derivados, isto é, nem todos são resultantes de nominalizações de verbos ou adjetivos. Entretanto, os nomes valenciais são, principalmente, os resultantes de nominalizações. Como é o caso dos exemplos abaixo:

(D1.I.09-9) ... NUMA CONFIRMAÇÃO DE Foucault, a alteridade é um drama da condição humana, algo supostamente irreduzível que leva o homem a materializar abstrações, ... (p.12).

(D3.C.24-59) ... há de se considerar ainda a utilização das verbas públicas por muitos sindicatos classistas, atitude NA NOSSA OPINIÃO, muito positiva, desde que contribua para a melhoria da organização sindical (p.115).

Verifica-se que, na ocorrência 9, é manifestada a evidencialidade mediante um substantivo abstrato derivado de verbo, o qual colabora para indicar a fonte da informação – Foulcault – e a própria informação – a alteridade é um drama... –. Na ocorrência 59, acontece o mesmo tipo de nominalização, em que a pessoa gramatical do pronome “nossa” é indicadora da fonte.

Outra manifestação da evidencialidade substantiva adotada nesta pesquisa é a já citada quando em referência aos verbos-suporte, no início da página 51, que trata do esvaziamento do verbo e da relevância do sintagma nominal, conforme se observou na ocorrência 88, que segue novamente abaixo:

(D6.I.05-88) ... percebi que o autor FAZIA ALUSÃO à influência recebida por Allen da obra de Kierkegaard (p.10).

c) ADJETIVO

Os adjetivos são usados para atribuir uma propriedade singular a uma categoria (que já é um conjunto de propriedades) denominada por um substantivo, funcionando essa atribuição de dois modos: a) qualificado; e b) subcategorizado (NEVES, 2000, p. 173).

A marca evidencial adjetiva é qualificadora, projetando-se por meio do participio verbal e de todos os adjetivos terminados por sufixos que formam derivados de verbos, como *-do/-to* e *-nte*. Verifica-se nas ocorrências abaixo:

(D10.I.14-251) Os estudos norte-americanos são marcados por um perfil ideológico desde suas origens; o movimento australiano busca uma aplicação pedagógica da lingüística sistêmico-funcional BASEADA em Halliday (p.4).

(D10.I.28-265) ... os aspectos léxico-gramaticais da organização retórica e argumentativa dos textos, como DESCRITAS, e.g., por Crismore (1984, 1989, 1990), e Francis (1994) são assumidos aqui como fundamento importante para a análise (p.8).

d) PREPOSIÇÃO

Neves (2000, p. 601) afirma que:

Algumas palavras da língua que pertencem à esfera semântica das relações e processos atuam especificamente na junção dos elementos do discurso, isto é, ocorrem num determinado ponto do texto indicando o modo pelo qual se conectam as porções que se sucedem.

Assim acontece com as preposições, que têm seu estatuto determinado dentro da estrutura da oração ou dentro de subestruturas dela.

As marcas evidenciais prepositivas são expressas com preposições essenciais (*para*) e acidentais, as quais são chamadas assim por ainda estarem se gramaticalizando e sendo empregadas em contexto restrito, como é caso de: *como, conforme, feito, segundo, mediante, tirante, fora, afora*, etc. Também ocorrem por meio de locuções prepositivas, tais como: *de acordo com, na conta de*, etc. Exemplos do uso de preposições como marca evidencial se verificam abaixo:

(D6.I.17-100) PARA Geertz, a análise cultural está diretamente relacionada à produção etnográfica de textos, ... (p.12).

(D10.I.13-250) DE ACORDO COM Freedman e Medway (1994a), a abordagem da Escola de Sidney opõe-se aos estudos de gênero norte-americanos... (p.4).

e) CONVENÇÕES DA ABNT

Um caso especial de manifestação da evidencialidade que particulariza o discurso

acadêmico é a utilização de normas técnicas convencionais para a citação de fonte da informação e da própria informação na formatação textual.

Em vista disso, escolheu-se incluir, neste trabalho, a categoria *convenções da ABNT* como marca sintática, por estar presente no texto com características próprias e “normatizadas” para o discurso acadêmico, embora não seja uma categoria gramatical. Algumas formas de apresentação de citação são mostradas nos exemplos seguintes²⁴:

(D2.C.10-31) ... é capaz de intuir”⁶⁴. (p. 79). (A INDICAÇÃO DA FONTE ENCONTRA-SE EM NOTA DE RODAPÉ)

(D4.I.03-62) Empregabilidade [...] (GENTILI APUD LODI, 1999:89)... (p.13).

(D9.I.02-235) ... que se podem atribuir ou extrair do texto (CF. KOCH, 1997a) (p.11).

Na ocorrência 31, a fonte da informação dita é inserida no texto através de uma nota de rodapé, a qual indica o autor e em que suporte bibliográfico encontra-se o informe dado. Diferentemente aparece a indicação da fonte na ocorrência 62, nela o autor é mencionado após toda a informação e designado entre parênteses, com o ano e a página subsequentes. Já na ocorrência 235, tal indicação é feita quase do mesmo modo da citada anteriormente, mas possui no interior do parênteses uma palavra abreviada – cf. – que aponta para uma referência que já foi dada anteriormente. Todas as ocorrências são casos convencionais de citações conforme as normas da ABNT.

f) POSIÇÃO NO ENUNCIADO

A categoria de análise posição no enunciado é aqui verificada nas seguintes possibilidades:

²⁴ As normas expressas não seguem o documento mais recente, no caso a NBR 10520 de agosto de 2002, mas o documento que estava em vigor à época de suas defesas.

⁶⁴ SOUZA, Nelson Mello e. *Modernidade: Desacertos de um consenso*. Campinas...

f.1) ANTEPOSIÇÃO

Ocorre quando a marca evidencial está antes da fonte da informação e da própria informação no enunciado; o exemplo abaixo caracteriza o que foi expresso:

(D1.I.01-1) PARA o búlgaro Tzvetan Todorov (1970) o Fantástico se define a partir do efeito de *incerteza* e da *hesitação* provocada no leitor face a um acontecimento *sobrenatural* (p.11).

Verifica-se que a fonte da informação no exemplo – Todorov – encontra-se após a utilização da marca evidencial – “para” –, como também o respectivo informe veiculado que vem após a fonte.

f.2) INTERCALAMENTO

Ocorre quando a marca evidencial encontra-se entre a fonte da informação e a própria informação veiculada no enunciado, conforme se observa nos exemplos a seguir:

(D2.I.05-26) A proliferação de cursos de relações humanas e livros de auto-ajuda não são mais do que um reflexo daquilo que Giddens CLASSIFICOU como transformação da natureza do pessoal (p.06).

(D7.I.10-151) ... Williams nos REMETE ao que ele denomina um saber “constituído e constituidor” que possa compreender o autor e sua criação artística não de forma abstrata, mas procurando os elementos de soldagem entre o ser social e a consciência social (p.14).

Na ocorrência 26 a marca evidencial destacada encontra-se entre a fonte da informação – Giddens – e a própria informação – transformação da natureza do pessoal –, do mesmo modo, acontece na ocorrência 151, onde a fonte – Williams – antecede a marca evidencial, e a informação veiculada – ... ao que ele denomina... – precede essa mesma marca. Tal situação é característica dos verbos *dicendi*, em que a fonte é o argumento 1 (A₁) e a informação o argumento 2 (A₂).

c) POSPOSIÇÃO

Ocorre quando a marca evidencial aparece depois da fonte da informação e da própria informação proposta no enunciado. Também caracteriza a verificação da referência bibliográfica consoante as normas da ABNT, a qual aparece após o texto citado, mas sem pertencer a ele, por isso ficando entre parênteses e se adequando ao formato estipulado pela Instituição citada. Nos exemplos seguintes se observa tal uso evidencial:

(D3.C.17-52) O relato é uma alerta à sociedade civil organizada que precisa reivindicar uma política pública de qualificação profissional *sob a responsabilidade direta do Estado* (Neves, 2000), ... (p.113).

(D6.I.08-91) ... elaborando um modelo de produção e difusão fortemente industrializado, o mesmo que ocorreu com outras formas de elaboração artística, como música, televisão, rádio e outras (Benjamim, 1969)... (p.11).

As marcas evidenciais, nas ocorrências 52 e 91, seguem o padrão de citação da ABNT e estão projetadas após a informação veiculada, neste caso, a própria fonte é a marca evidencial.

Na tabela abaixo, verifica-se o percentual de frequência da ocorrência da marca evidencial quanto à sua posição no texto:

POSIÇÃO	Nº DE OCORRÊNCIAS	FREQÜÊNCIA
Anteposição	147	50,68%
Intercalamento	114	39,31%
Posposição	29	10,00%

Tabela 2: Frequência das marcas evidenciais quanto à posição

Conforme os dados da tabela 2, constata-se que a marca evidencial anteposta é a mais utilizada no *corpus* coletado. Atribuindo-se a esse resultado, o fato de que a forma usual da língua é muito mais usada através do discurso direto, ao invés do discurso indireto. A marca evidencial posposta está mais associada com a marca evidencial ABNT, devido a sua colocação estar convencionalmente aceita após a informação fornecida e ser ela própria a fonte da informação. Pode-se atribuir esse resultado às citações diretas e indiretas de informações, como também à disposição em que estas ocorrem em relação à sua fonte, isto é, a ordem direta dos termos na proposição, ao invés da ordem inversa, colocando-se à frente o que se considera mais importante, num procedimento de topicalização.

3.2.3 EVIDENCIALIDADE E COMPROMETIMENTO

Consoante já foi dito anteriormente, o parâmetro destacado nesta pesquisa é o (des)comprometimento, o qual permeia a responsabilidade assumida pelo produtor textual no ato de seu discurso, otimizando todo o processo de relacionamento com a fonte da informação.

Desse modo, passa-se a analisar todas as categorias de análise especificadas em relação ao grau de comprometimento utilizado pelo produtor textual nas ocorrências verificadas no *corpus* coletado.

3.2.3.1 NATUREZA DA EVIDÊNCIA E COMPROMETIMENTO

a) QUANTO AO COMPARTILHAMENTO

Conforme resultado apresentado no gráfico 1, página 39, os gráficos a seguir projetam a frequência²⁵ das ocorrências das marcas evidenciais explícita só do falante e explícita compartilhada no que diz respeito à relação com o comprometimento:

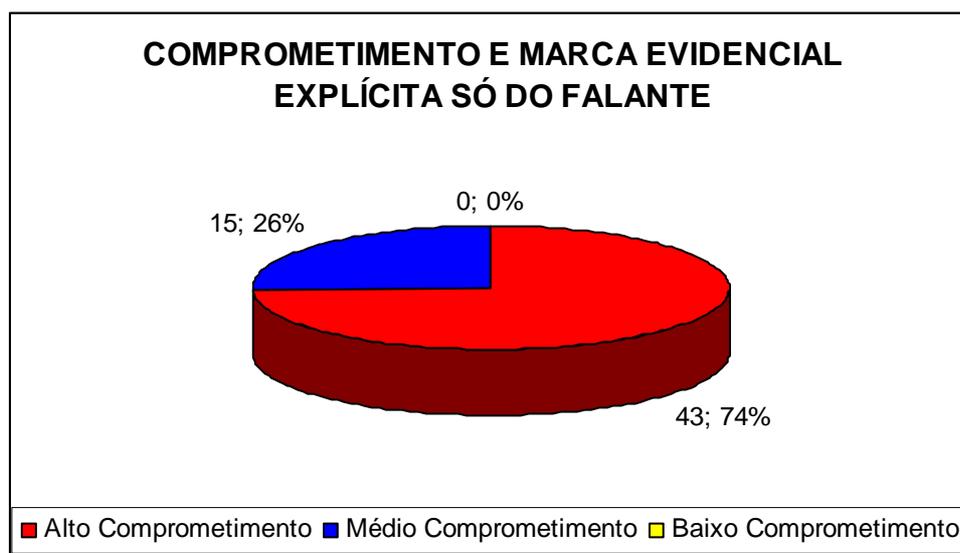


Gráfico 4: Comprometimento e Marca Evidencial Explícita Só do Falante.

No gráfico 4, observa-se que a marca evidencial explícita só do falante tem o efeito de sentido de alto comprometimento. Isso acontece porque quando o produtor textual aparece como única e exclusiva fonte da informação, como é o caso de tal marca, ele se responsabiliza e se posiciona criticamente em relação à informação que está sendo veiculada. Não ocorre o baixo comprometimento. Entretanto, há a verificação da ocorrência no nível de médio comprometimento, aqui considerado como tal devido à projeção no leitor de algo que foi dito de forma particular, mas que também foi dito de forma atenuada, como é o caso do exemplo que segue:

²⁵ O primeiro número que aparece no gráfico refere-se à quantidade de marcas evidenciais encontradas em relação ao nível de comprometimento, e o segundo número é o percentual de frequência.

(D7.I.30-171) ... PROCURO ENTENDER de que forma Rodolfo Teófilo procurou dramatizar a presença dos retirantes na cidade (p.18).

Nota-se, a princípio, que a fonte é o produtor textual e que a informação que está sendo dita é de sua inteira responsabilidade, pela conjugação do verbo na 1ª pessoa do singular; porém, ele não utiliza só um verbo porque quer atenuar um pouco a responsabilidade com o que está sendo dito e expressa “procurou entender” ao invés de exprimir simplesmente “entendi”. Neste caso, entende-se aqui, que quando o produtor textual utiliza uma expressão verbal com o primeiro verbo conjugado na 1ª pessoa do singular + um verbo no infinitivo, ele não se responsabiliza completamente com o que está informando e utiliza tal recurso para manifestar o médio comprometimento.

O gráfico abaixo mostra o nível de comprometimento quando a marca evidencial explícita é compartilhada:

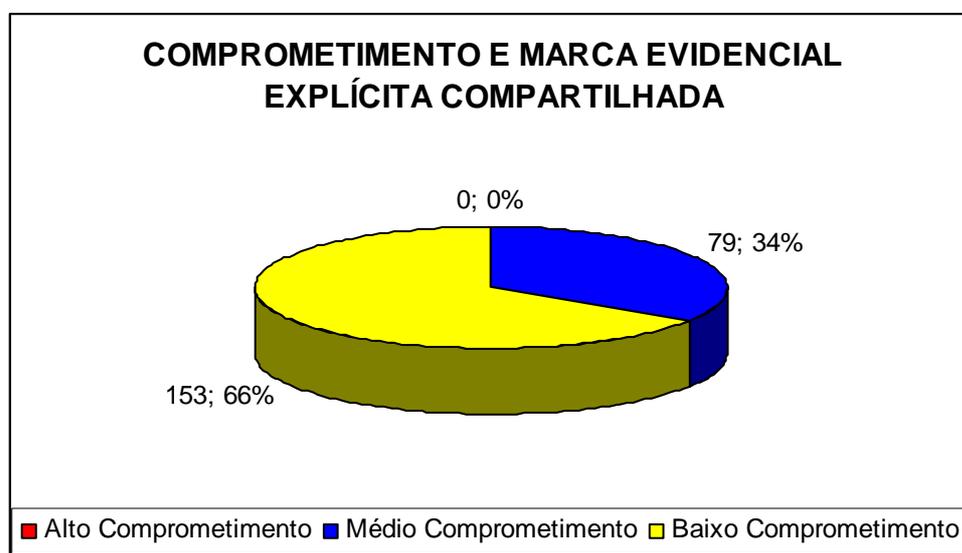


Gráfico 5: Comprometimento e Marca Evidencial Explícita Compartilhada.

Observe que o gráfico 5 projeta o nível de baixo comprometimento como o efeito de sentido que estrategicamente é mais freqüente quando a marca evidencial explícita é compartilhada, mediante a utilização de informações que são comuns a uma

determinada comunidade discursiva. O produtor textual atenua sua responsabilidade em relação ao que é dito, utilizando o chamado *argumento de autoridade*. Por causa dessa atenuação, não ocorre o alto comprometimento. No exemplo abaixo, verifica-se tal uso:

(D3.C.19-54) ... CREMOS que somente tem sentido defender uma real qualificação para o trabalhador se garantirmos, ao mesmo tempo, direito à escola, direito à escola pública de qualidade (p.114).

Ao utilizar o verbo conjugado na 1ª pessoa do plural, o produtor textual assume que a informação dita não pertence só a ele, mas também a outras pessoas; dessa feita, induz ao compartilhamento da informação e à atenuação da responsabilidade, já que, quem veiculou tal informe não foi só ele.

b) QUANTO À DIRETIVIDADE

Como se observou no resultado do gráfico 02, na página 41, o resultado obtido relaciona-se com a frequência referente à análise da verificação do tipo de evidência. No gráfico seguinte, o que se mostra é a frequência das ocorrências das marcas evidenciais direta e indireta, em relação ao grau de comprometimento:

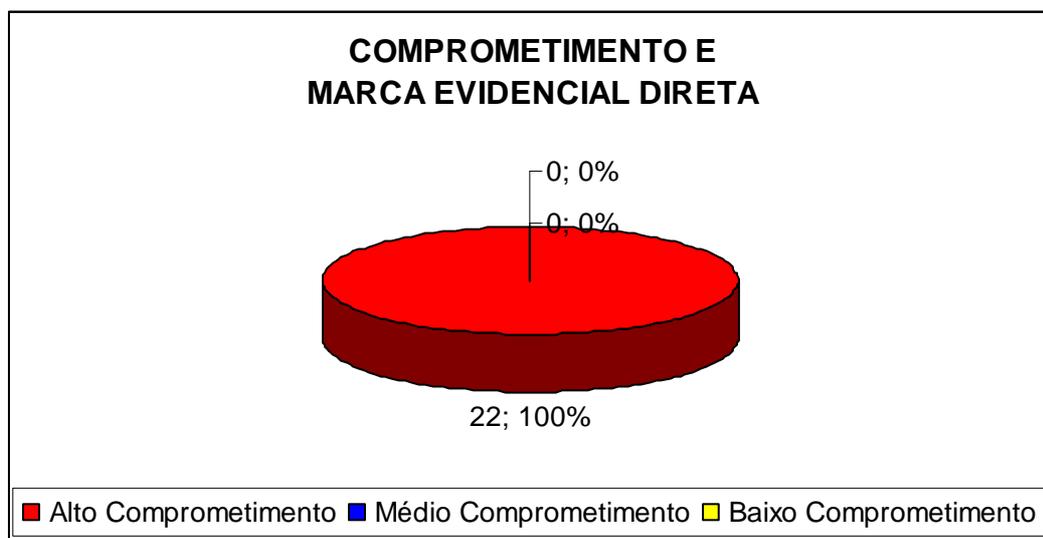


Gráfico 6: Comprometimento e Marca Evidencial Direta.

A marca evidencial direta está plenamente relacionada com o alto comprometimento, conforme se observa no gráfico 6. Sua ocorrência tem por premissa a responsabilidade total do produtor textual com a informação relatada. Assim, o efeito de sentido utilizado é uma estratégia discursiva que sinaliza que algo está sendo dito de forma categórica e comprometedora. Por isso, não ocorre nem o médio nem o baixo comprometimento.

O gráfico a seguir exprime o nível de comprometimento quando a marca evidencial é indireta:

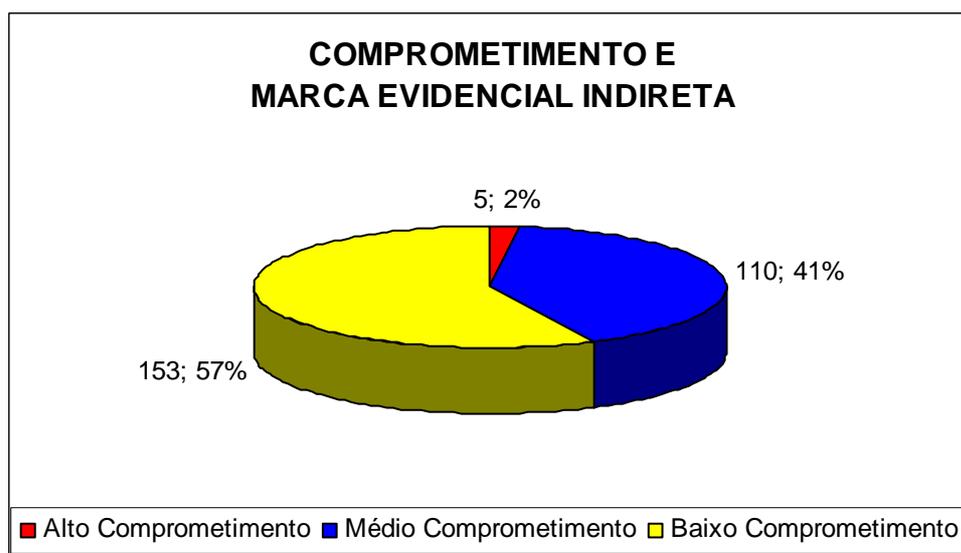


Gráfico 7: Comprometimento e Marca Evidencial Indireta.

Os níveis de comprometimento são todos visualizados no gráfico 7. Entretanto, no que diz respeito à marca evidencial indireta, a maior ocorrência é do baixo comprometimento, mediante a modalização no contínuo entre a certeza e a não- certeza que é expressa como efeito de sentido. Indiretamente, o produtor textual se compromete com a informação que está sendo propagada, mas não assume sua autoria, atribuindo a

terceiros a fonte da informação que está dizendo. No exemplo abaixo se verifica tal fato:

(D6.I.02-85) ... as lentes da câmera de Allen e seus roteiros também REVELAM abordagens acerca do catolicismo romano, do protestantismo, das religiões orientais e do esoterismo (p.7).

Na ocorrência 85, a informação é dita como que se fosse do sujeito da proposição – as lentes da câmera de Allen e seus roteiros –, o que na realidade é inviável, já que são objetos inanimados. Entretanto, a evidencialidade dá subsídio para que isso seja verossímil com a estratégia de baixo comprometimento; assim, o produtor textual não se compromete diretamente com o informe dito, imputando a “revelação” ao sujeito que aparece.

O nível de médio comprometimento aparece como a segunda estratégia mais utilizada quando o produtor textual não se responsabiliza pessoalmente com o que está sendo dito, mas utiliza recursos lingüísticos que exprimem o raciocínio como sendo dele, como no exemplo a seguir:

(D1.C.17-17) Compreendendo, porém, que o gênero fantástico, acaba sofrendo transformações ao longo dos tempos, PASSAMOS A PERCEBER as diferenças entre textos tradicionais [...], textos considerados modernos [...] e textos contemporâneos... (p.107).

Na expressão verbal que aparece na ocorrência 17, a conjugação do primeiro verbo é verificada em 1ª pessoa do plural – passamos –, que sugere a idéia de várias pessoas compartilhando a mesma idéia, no entanto, tal idéia é um constructo mental do produtor textual, o que ele utiliza é uma estratégia para atenuar a responsabilidade com o que está sendo dito; logo, reporta-se de forma indireta em relação à informação transmitida.

O nível de alto comprometimento ocorre com uma frequência mínima, já que, raramente, o produtor textual consegue produzir esse efeito de sentido utilizando a marca evidencial indireta. Caso que pode ser observado no exemplo a seguir:

(D6.I.33-116) ... PROCURO MOSTRAR QUE Allen lança mão do destaque que escritores, como Dostoievski, dão às adversidades enfrentadas pelo homem no mundo (p.14).

Neste exemplo, o produtor textual poderia ter usado somente o verbo conjugado “mostro”, ao invés da expressão verbal “procuro mostrar”. No primeiro caso, é um caso pleno de alto comprometimento, porque se verifica a utilização da marca evidencial direta de 1ª pessoa do singular. No segundo caso, já não é um caso pleno de alto comprometimento, mas não deixa de ser alto comprometimento, porque o termo utilizado sugere ser uma marca evidencial indireta, o produtor textual não “mostra”, porém “procura mostrar” algo.

Considera-se, então, caso de alto comprometimento em relação à marca evidencial indireta, a utilização do verbo-suporte conjugado em 1ª pessoa do singular + verbo no infinitivo.

b) QUANTO À *PERCEPTIVIDADE*

A seguir, pode ser verificada, nos gráficos seguintes, a frequência das ocorrências das marcas evidenciais inferencial, citativa e inferencial, em relação ao tipo de comprometimento:

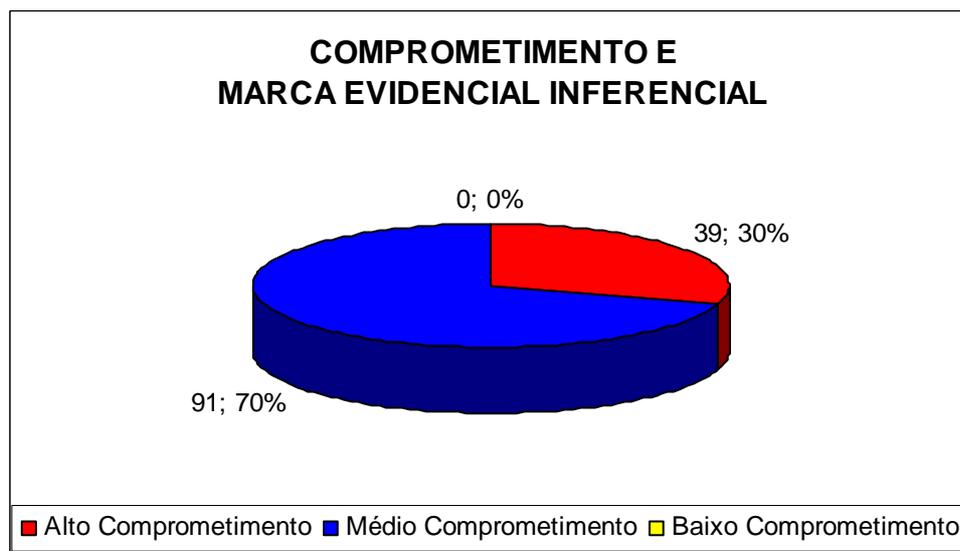


Gráfico 8: Comprometimento e Marca Evidencial Inferencial.

A marca evidencial inferencial só ocorre quando o efeito de sentido pretendido envolve o alto e o médio comprometimento, devido à informação fornecida ser um constructo mental do próprio produtor textual, mesmo que ele não se coloque como fonte dessa informação, consoante é apresentado no gráfico 8. Observe-se o exemplo seguinte de alto comprometimento:

(D8.I.24-212) No primeiro capítulo DISCUTIREI como o autor constrói o espaço, o que nos leva a observar a paisagem exposta nos filmes (p.27).

No excerto o produtor textual apresenta uma informação inferida diretamente dele próprio e marcada pela utilização da 1ª pessoa.

Todavia, o nível de médio comprometimento supera mais que o dobro o nível de alto comprometimento, por causa da atenuação da responsabilidade em relação ao que é dito, sugerindo uma proposição não dita de forma categórica. O exemplo a seguir dá uma idéia dessa manifestação:

(D6.C.12-140) Outra sugestão PARECE ESTAR em que a ilusão da arte pode nos distrair por pouco tempo da inevitabilidade da morte, ... (p.98).

Na ocorrência 140, a proposição parte de inferência feita pelo próprio produtor textual e explicitada pela utilização da expressão verbal que envolve o verbo “parecer”, não dizendo o que se quer dizer de forma categórica; dessa forma, atenua-se a responsabilidade com o que se diz.

No gráfico abaixo, é verificada a ocorrência do nível de comprometimento em relação à marca evidencial citativa:

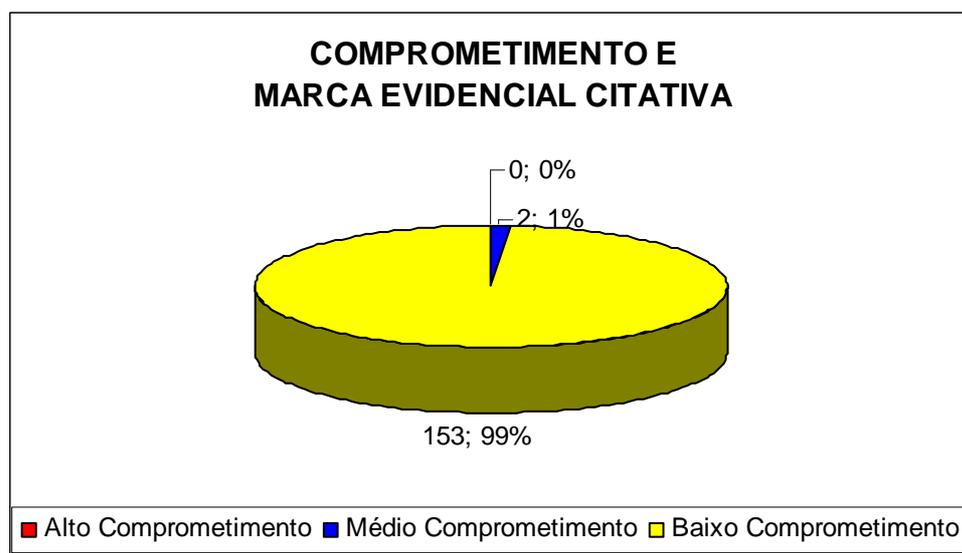


Gráfico 9: Comprometimento e Marca Evidencial Citativa.

A partir dos dados fornecidos pelo gráfico 9, obtêm-se que a utilização da estratégia discursiva de baixo comprometimento está quase que totalmente relacionada com a marca evidencial citativa, como se observa a seguir:

(D1.I.03-3) SEGUNDO Filipe Furtado (1980), [...], o Fantástico é algo bem mais esquemático, principalmente no que tange à sua construção, ... (p.11).

(D5.C.09-78) Tais teóricos NOS AJUDARAM também na fundamentação de nossas questões sobre a formação deste saber, suas relações com os doentes de câncer e com a morte e sua representatividade como instituição social (p.126).

Há nos exemplos 3 e 78 a citação da fonte da informação e da própria informação relatada; todavia, o verbo utilizado em 78 não é um verbo *dicendi*, o qual é o representante máximo da citação.

No gráfico seguinte, observa-se a explicitação da marca evidencial experiencial em relação ao nível de comprometimento:

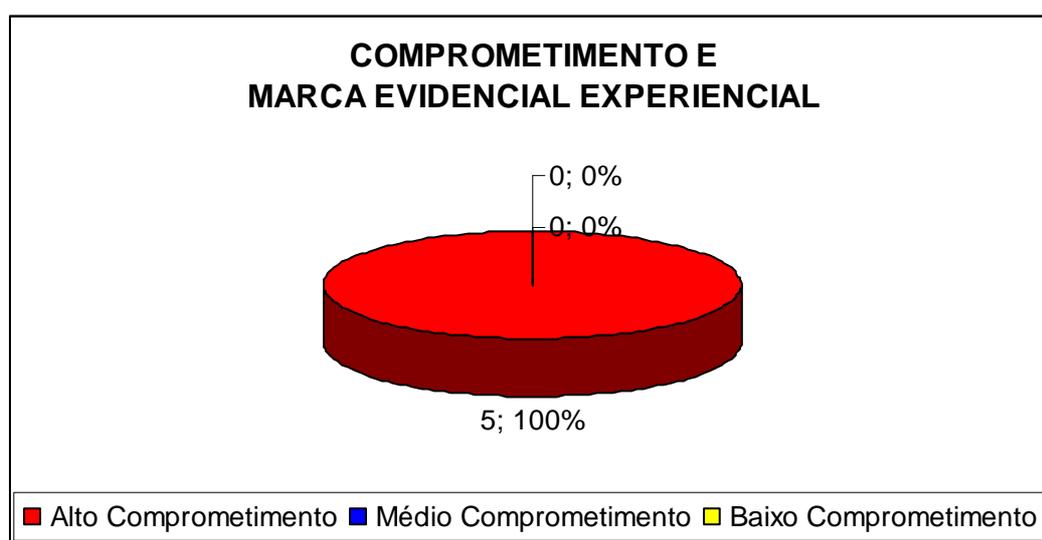


Gráfico 10: Comprometimento e Marca Evidencial Experiencial.

O alto comprometimento é o efeito de sentido que está plenamente relacionado com a marca evidencial experiencial, porque sua utilização depende totalmente da experiência física vivida e sentida pelo produtor textual; logo, ele se responsabiliza diretamente pela informação relatada. Para esta marca não se obteve nenhuma ocorrência do nível de médio ou baixo comprometimento, pela possibilidade destes

níveis figurarem o produtor textual como não sendo a fonte da informação. Em todo o *corpus* só é verificado um único exemplo:

(D8.I.13-201) Devo registrar que VI referência a um filme de 1919 feito no Rio de Janeiro, o longa *Alma Sertaneja*, de Luiz de Barros (p.18).

A experiência relatada foi vivenciada pelo produtor textual e é explicitada pela marca evidencial experiencial, conforme se observa na ocorrência 201, na qual se verifica o uso de um verbo pleno de significado relacionado ao sentido da visão.

No gráfico a seguir, observa-se o entrecruzamento das três variáveis de parâmetro – alto, médio e baixo comprometimento – relacionadas com as variáveis de natureza da evidência – quanto ao *compartilhamento* (explícita só do falante e explícita compartilhada), quanto à *diretividade* (direta e indireta) e quanto à *perceptividade* (inferencial, citativa e experiencial), de acordo com os dados do *corpus* coletado:

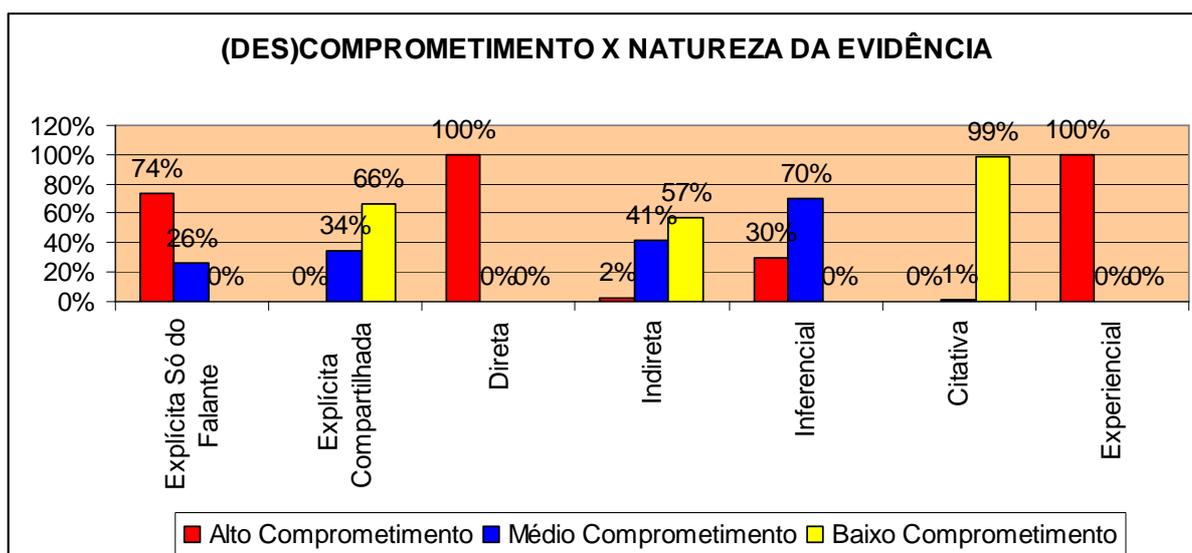


Gráfico 11: Níveis de comprometimento da natureza evidencial

Os resultados obtidos no gráfico 11 demonstram que a relação entre o alto comprometimento e a natureza da evidência se dá em níveis diferenciados:

- em relação ao efeito de sentido de alto comprometimento do produtor textual com a informação veiculada, sua ocorrência só é verificada quando é explícita só do falante; podendo manifestar-se nas duas formas – direta e indireta –; como também na manifestação da evidencialidade inferencial e da evidencialidade experiencial.

- em relação ao efeito de sentido de médio comprometimento do produtor textual com a informação veiculada não ocorre quanto à *diretividade* na marca evidencial direta, nem também quanto à *perceptividade* na marca evidencial experiencial.

- Em relação ao efeito de sentido de baixo comprometimento, embora seja o que tenha ocorrido com um maior número de ocorrências, ele não aparece em todas os tipos de ocorrências quanto à natureza da evidência, sendo verificado na evidencialidade explícita compartilhada, na evidencialidade indireta, e na evidencialidade citativa.

Desse modo, conclui-se que o baixo comprometimento caracteriza-se por uma evidência compartilhada, indireta e citativa.

3.2.3.2 MEIO DE EXPRESSÃO DA EVIDÊNCIA E COMPROMETIMENTO

a) CATEGORIAS SINTÁTICAS

Projetou-se em um único gráfico a frequência das ocorrências das marcas evidenciais referentes às categorias sintáticas no que diz respeito ao nível de comprometimento estabelecido pelo produtor textual com a fonte da informação veiculada.

Assim, foi feito o cruzamento das três variáveis de parâmetro – alto, médio e baixo comprometimento – com as variáveis de ordem sintática – verbo, substantivo, adjetivo, preposição e ABNT –, e obteve-se os seguintes resultados explicitados no gráfico abaixo:

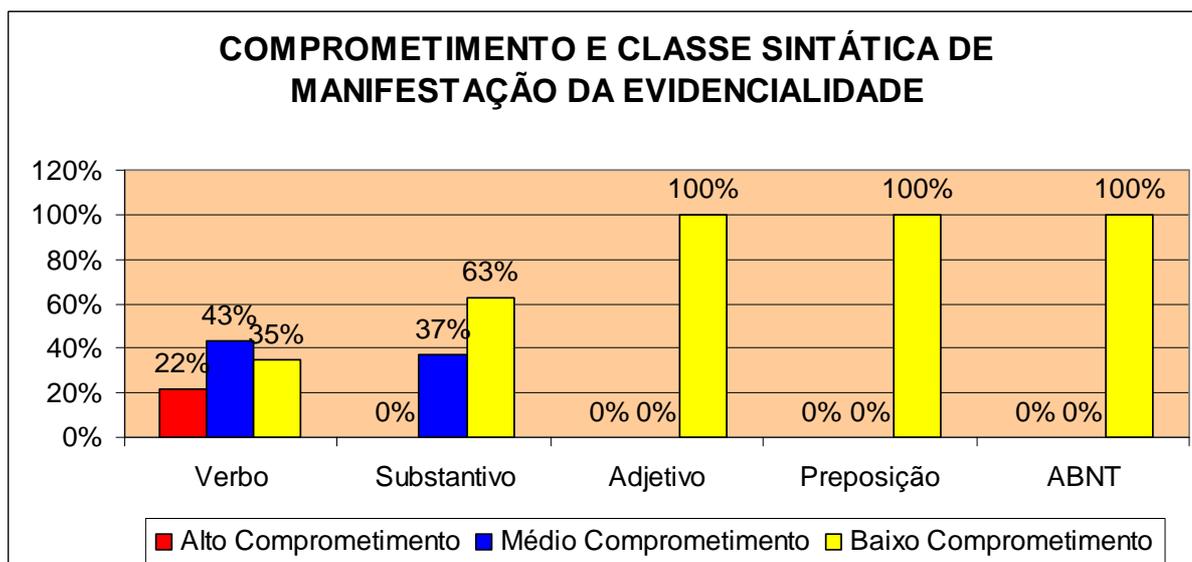


Gráfico 12: Níveis de comprometimento na utilização das classes sintáticas de manifestação da evidencialidade

O gráfico 12 configura que a manifestação da evidencialidade em relação às categorias sintáticas no nível de alto comprometimento só é representada pela categoria verbal. Sua expressão ocorre como nos exemplos a seguir:

(D6.I.04-87) ... PERCEBI QUE o autor fazia alusão à influência recebida por Allen da obra de Kierkegaard (p.10).

(D7.I.32-173) ACREDITO QUE a sua forma de pensar essa presença está marcada por uma série de discursos que nutriam a idéia de uma cidade progressista e civilizada... (p.18):

Como já foi dito anteriormente, a marca evidencial verbal que expressa o efeito de sentido de alto comprometimento é manifestada na forma conjugada de 1ª pessoa do singular, de acordo com as ocorrências 87 e 173 acima.

Para o nível de médio comprometimento, as categorias sintáticas que expressam marcas evidenciais são duas: verbo e substantivo. Sua ocorrência pode ser verificada nos seguintes exemplos:

(D3.C.24-59) ... há de se considerar ainda a utilização das verbas públicas por muitos sindicatos classistas, atitude NA NOSSA OPINIÃO, muito positiva, desde que contribua para a melhoria da organização sindical (p.115).

(D5.C.02-71) Assim, ao finalizar, PERCEBEMOS a riqueza de informações que nos foram fornecidas acerca da vida [...], da doença câncer e da morte, ... (p.124).

Verifica-se, na ocorrência 59, a manifestação da evidencialidade pela classe sintática substantiva – opinião – expressando o efeito de sentido de médio comprometimento por causa de seu acompanhante pronominal – “nossa” –, que atenua a responsabilidade com o que está sendo dito, promovendo o efeito de uma informação compartilhada, como se a opinião que é do produtor textual fosse a mesma opinião de outras pessoas. O mesmo efeito de sentido é obtido na ocorrência 71, mediante a forma conjugada do verbo factivo em 1ª pessoa do plural.

Quanto ao nível de baixo comprometimento, sua explicitação faz-se por meio da manifestação evidencial em todas as categorias sintáticas, sendo que, em três delas – adjetivo, preposição e convenções da ABNT – sua frequência é total, ou seja, 100%. Tal manifestação é exemplificada em cada uma das cinco categorias sintáticas – verbo, substantivo, adjetivo, preposição e convenções da ABNT – respectivamente a seguir:

(D6.I.16-99) Thompson (1995), [...] APRESENTA três limitações de sua formulação conceitual (p.11).

(D7.C.05-182) NA OBRA DE Adolfo Caminha, o campo entra de forma muito tangencial, mas é normalmente representado como lugar da pureza, da calma, da ingenuidade e da honestidade, em contraponto a um mundo urbano, para ele cada vez mais hostil (p.134).

(D10.I.09-246) Uma segunda abordagem, conhecida como “Escola de Sydney” e também referida como “pedagogia de gêneros”, é representada, na visão de Paltridge (1995), pela perspectiva sócio-semiótica dos lingüistas sistêmico-funcionais BASEADOS na obra de Halliday (p.4).

(D2.I.09-30) PARA C. G. Jung, estes valores distorcidos presentes no mundo moderno, são fruto da perda das “certezas metafísicas”, das quais o mundo medieval estava repleto, ... (p.9).

(D9.I.04-237) Considerar as hipóteses que o falante faz sobre as crenças de seu ouvinte e a conseqüente influência de conhecimentos enciclopédicos e interacionais para os sentidos em construção no texto é garantir, no mínimo, a tentativa de acompanhar este aspecto do desenvolvimento lingüístico da criança como dependente da construção que ela faz de seu interlocutor, da situação de interlocução e da própria função do discurso (cf. PERRONI, 1992) (p.15).

O efeito de sentido esperado com o baixo comprometimento corrobora no argumento de autoridade, logo, percebe-se em cada exemplo citado, a verificação de uma fonte que é um estudioso renomado e uma informação que é veiculada por ele, eximindo o produtor textual de qualquer responsabilidade com o que está sendo dito. Na ocorrência 30, verifica-se uma marca evidencial prepositiva; na ocorrência 99, uma marca evidencial verbal, na ocorrência 182, uma marca evidencial substantiva; na ocorrência 237, uma marca evidencial convenção da ABNT; e na ocorrência 246, uma marca evidencial adjetiva.

Os resultados obtidos confirmam a maior utilização da estratégia de baixo comprometimento no discurso acadêmico, conforme as normas propagadas nos manuais de metodologia científica, que sugerem a utilização de uma linguagem impessoal na 1ª ou na 3ª pessoa do plural.

Sua eficiência científica é questionável porque afasta o produtor textual de preocupar-se com a verdade da proposição, já que a fonte da informação não é ele próprio.

b) POSIÇÃO

A frequência das ocorrências das marcas evidenciais de posição em relação ao grau de comprometimento pode ser visualizada no gráfico a seguir, mediante o entrecruzando das três variáveis de parâmetro – alto, médio e baixo comprometimento – em relação às variáveis de posição – anteposição, intercalamento e posposição:

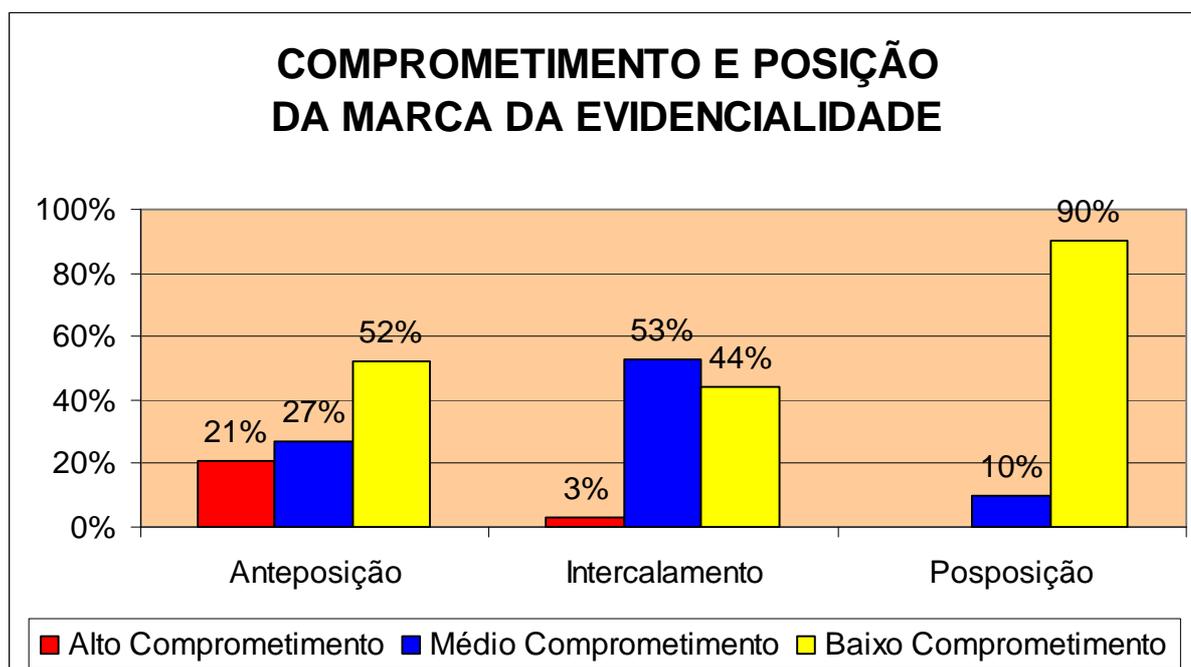


Gráfico 13: Posição da Marca da Evidencialidade no Enunciado e Comprometimento

Retomando os resultados obtidos na tabela 2, página 59, e cruzando-os na relação do comprometimento com a posição da marca da evidencialidade, a manifestação mais utilizada foi a anteposição relacionada ao baixo comprometimento consoante a informação veiculada, parece ser devido ao fato da informação mais importante estar quase sempre à frente do discurso, caso mais utilizado no português brasileiro contemporâneo, colocando a marca evidencial no início do discurso.

Nota-se que o predomínio é do efeito de sentido de baixo comprometimento, entretanto, quando se relaciona com a posição intercalada, sua frequência fica abaixo do médio comprometimento com apenas dois pontos percentuais. Mesmo assim,

afirma-se que, no *corpus* coletado, quando a marca evidencial caracteriza um médio comprometimento com o que está sendo dito a posição de intercalamento aparece como a mais utilizada.

Não se fez uso da posição posposta para explicitar um alto comprometimento com os informes transmitidos.

3.2.4 INTEGRAÇÃO DAS ANÁLISES

Com base na teoria funcionalista da linguagem adotada como princípio norteador nesta pesquisa que prega a explicitação e a integração dos componentes da língua na relação com o uso, faz-se necessária a integração dos aspectos sintáticos, semânticos e pragmático-discursivos que, até aqui, foram vistos de forma semi-integrada²⁶, para contribuir com a problemática geral levantada nesta pesquisa, que indaga como se manifesta a evidencialidade nas dissertações acadêmicas do português brasileiro contemporâneo.

Tais aspectos não ocorrem em separado, mas de uma forma integrada, consoante se explica para o exemplo que segue:

(D6.I.04-87) ... PERCEBI que o autor fazia alusão à influência recebida por Allen da obra de Kierkegaard (p.10).

Ao escrever, o produtor textual não escreve por acaso, mas, dependendo de sua intenção, ou melhor, do efeito de sentido que ele quer causar no leitor, escolhe e organiza estrategicamente a expressão de seu pensamento. No exemplo dado, o

²⁶ No cruzamento das variáveis com o comprometimento já foram feitas algumas integrações: sintático/pragmático e semântico/pragmático.

produtor textual expressou como dele um pensamento. Ele escolheu comprometer-se de forma integral com o que estava informando, pois, pelo contrário, não teria utilizado as marcas evidenciais que individualizam a fonte da informação como sendo ele, o próprio produtor textual. Tal expressividade decorre da integração dos aspectos sintáticos, semânticos e pragmático-discursivos: a) marca evidencial anteposta: escolheu posicionar seu comprometimento antes da expressão do próprio conteúdo; b) marca evidencial verbal: escolheu utilizar um verbo factivo para organizar a predicação de seu pensamento; c) marca evidencial explícita só do falante: escolheu a desinência de 1ª pessoa do singular, sinalizando um pensamento de sua responsabilidade exclusiva; d) marca evidencial direta: escolheu atribuir a si próprio a fonte da informação veiculada; e) marca evidencial inferencial: a informação foi organizada pela mente do próprio produtor textual.

No exemplo a seguir, observa-se a utilização da estratégia discursiva de médio comprometimento com o informe dado:

(D3.C.24-59) ... há de se considerar ainda a utilização das verbas públicas por muitos sindicatos classistas, atitude NA NOSSA OPINIÃO, muito positiva, desde que contribua para a melhoria da organização sindical (p.115).

O produtor textual tem um pensamento sobre algo ou alguma coisa, mas ele não se compromete diretamente com esse pensamento, sendo que, para isso, usa algumas marcas apropriadas para atenuar a sua responsabilidade com o que informa. Essa expressividade decorre da integração dos aspectos sintáticos, semânticos e pragmático-discursivos: a) marca evidencial intercalada: escolheu posicionar seu comprometimento no meio da expressão do conteúdo, entre a fonte – indeterminada por causa do verbo “haver” na 3ª pessoa do singular (há de se considerar) – e a própria informação; b) marca evidencial substantiva epistêmica: escolheu utilizar uma expressão nominal

(pronome + nome) para organizar a predicação de seu pensamento; c) marca evidencial explícita compartilhada: escolheu a desinência de 1ª pessoa do plural porque não quer estabelecer que o pensamento é só seu; d) marca evidencial indireta: escolheu projetar fora dele a fonte da informação veiculada; e) marca evidencial inferencial: a informação foi organizada pela mente do próprio produtor textual.

A compreensão do baixo comprometimento não pode ser entendida como simples estratégia de total irresponsabilidade com a informação veiculada, pois, quando o produtor textual faz uso da citação de um estudioso acerca de uma pesquisa que é relevante para o seu estudo, ele estabelece um inter-relacionamento com as idéias de tal pesquisador, tratando-se de um recurso usual para o chamado argumento de autoridade.

O produtor textual utiliza com maior freqüência o nível de baixo comprometimento com o que ele está veiculando, mediante a utilização em larga escala das marcas evidenciais citativas. Considera-se a citação como estratégia de baixo comprometimento, porque o produtor textual poderia apropriar-se das idéias de um estudioso, transmitindo-as como se fossem suas. Caso que ocorre com muita freqüência quando se trata da intertextualidade²⁷.

No exemplo seguinte, verifica-se a utilização da estratégia discursiva de baixo comprometimento com a informação veiculada:

(D2.C.11-32) Somente nela [a intervenção do artista] – por estar ‘fora’ – residiria a possibilidade de insistir na crítica, já que essa crítica não pode ser imanente a um processo que a repele.⁶⁵ (p.79).

A manifestação da evidencialidade, considerando-se a integração dos aspectos sintáticos, semânticos e pragmático-discursivos, dá-se, na ocorrência 32, da seguinte

²⁷ Esse termo designa ao mesmo tempo uma propriedade constitutiva de qualquer texto e o conjunto das relações explícitas ou implícitas que um texto ou um grupo de textos determinados mantêm com outros textos (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 288).

⁶⁵ Id. Ibid., p. 55-56.

forma: a) marca evidencial posposta: escolheu posicionar seu comprometimento após a informação, em nota de rodapé; b) marca evidencial convenção da ABNT: escolheu utilizar as normas convencionais estabelecidas pela ABNT para as citações bibliográficas já citadas anteriormente; c) marca evidencial explícita de compartilhamento da fonte: parte do princípio de que o que o pesquisador disse é do conhecimento de várias pessoas; d) marca de evidencialidade indireta: escolheu indicar a evidência como informação obtida indiretamente; e) marca evidencial citativa: a informação foi atribuída a outro indivíduo que não é o produtor textual.

Com base no *corpus* organizado, projetou-se o quadro a seguir, que especifica a ocorrência da manifestação da evidencialidade nas dissertações acadêmicas em relação ao nível de comprometimento estabelecido pelo produtor textual²⁸:

MARCA EVIDENCIAL	NÍVEL DE COMPROMETIMENTO		
	ALTO	MÉDIO	BAIXO
Anteposição	x	xx	xxx
Intercalamento	x	xxx	xx
Posposição		x	xxx
Verbo	x	xxx	xx
Substantivo		x	x
Adjetivo		x	x
Preposição			xx
ABNT			x

²⁸ Atribui-se a seguinte notação para o quadro em questão: x = baixa frequência, xx = média frequência e xxx = alta frequência.

Explícita Só do Falante	x	x	
Explícita Compartilhada		xx	xxx
Direta	x		
Indireta		xx	xxx
Inferencial	x	xx	
Citativa		x	xxx
Experiencial	x		

Quadro 11: Manifestação da evidencialidade em relação ao comprometimento.

Pela tabela explicita-se que:

a) quando o produtor textual quer manifestar ao leitor um alto comprometimento com as informações veiculadas, ele não utiliza as marcas evidenciais: posposta, adjetiva, prepositiva, convenção da ABNT, compartilhamento da informação, indireta, citativa; mas prefere usar a marcas evidenciais: anteposta e/ou intercalada, verbal, explícita só do falante, direta, inferencial e/ou experiencial;

b) quando o produtor textual quer manifestar no leitor um médio comprometimento com as informações dadas, ele não utiliza as marcas evidenciais: prepositiva, convenção da ABNT, direta; todavia, buscando esse efeito de sentido, utiliza todas as marcas evidenciais referentes à posição no discurso predominando o intercalamento, a marca evidencial verbal e/ou substantiva, a marca evidencial explícita só do falante e/ou de compartilhamento, a marca evidencial indireta, a marca evidencial inferencial e/ou citativa;

c) quando o produtor textual quer manifestar no leitor um baixo comprometimento com as idéias relatadas, ele não utiliza as marcas evidenciais:

explícita só do falante, direta, inferencial, experiencial; ao invés disso, usa todas as marcas evidenciais que caracterizam a posição no discurso privilegiando a anteposição e a posposição, a marca evidencial verbal é a classe sintática que predomina, entretanto, também são utilizadas as marcas evidenciais: substantiva, adjetiva, prepositiva, convenção da ABNT, compartilhamento da informação, indireta e a citativa, sendo que está tem a maior preferência no uso.

No gráfico a seguir, observam-se os resultados obtidos para a escolha do efeito de sentido em relação ao nível de comprometimento na manifestação da evidencialidade nas dissertações acadêmicas do *corpus* coletado:

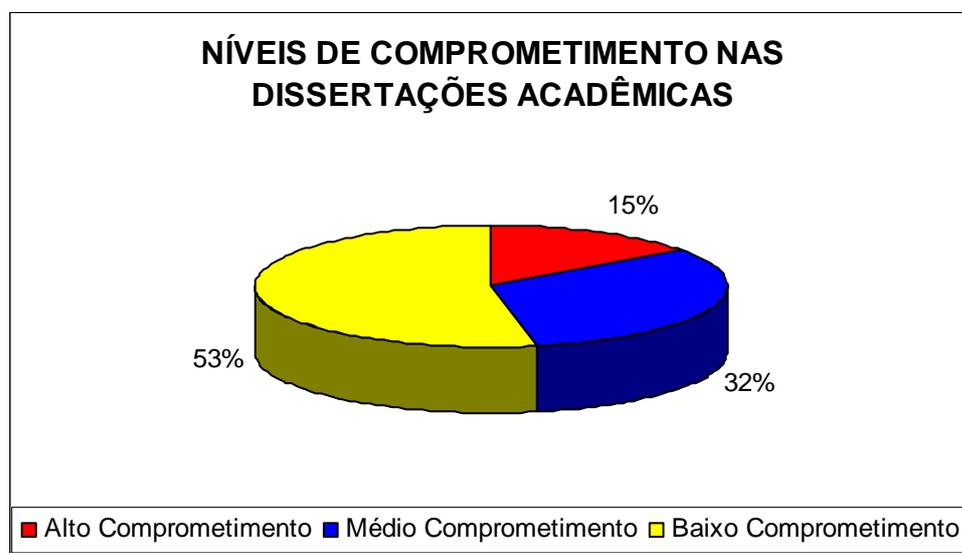


Gráfico 14: Níveis de Comprometimento nas Dissertações Acadêmicas

Os resultados obtidos explicitam a larga utilização da estratégia de baixo comprometimento com as informações relatadas. Isso se deve ao fato de que a citação é um recurso discursivo extensamente utilizado na produção acadêmica.

Tal procedimento ocorre com essa frequência devido às orientações encontradas em qualquer manual de metodologia científica, que sugere uma postura impessoal, logo, de atenuação da responsabilidade com o que está sendo dito.

Os efeitos de sentido associados ao uso de meios de expressão da evidencialidade na construção da argumentação dos textos acadêmicos dissertativos colaboram para que essa atenuação da responsabilidade seja feita de forma discreta, sinalizando que algo não está sendo dito de forma categórica.

CAPÍTULO 4 – CONCLUSÃO

4.1 CONCLUSÕES DA PESQUISA

Com efeito, ficam comprovadas todas as hipóteses levantadas para esta pesquisa, consoante citadas na introdução.

A pesquisa proposta neste estudo, realizada a partir de ocorrências reais de uso da língua, explicitou a existência de uma relação de dependência entre modalidade e evidencialidade, postulando, no entanto, que a evidencialidade é uma categoria lingüística hierarquicamente superior à modalidade, porque considera, como Nuyts (1993), que toda qualificação modal está baseada em uma evidência, e não o contrário. Por esse motivo, a pesquisa considerou os modalizadores epistêmicos como evidenciais (só do falante).

Esta afirmação é feita fundamentada na intenção que norteia a função da evidencialidade: indicar a fonte da informação que está sendo veiculada no texto, permitindo a avaliação quanto à veracidade da proposição ou, pelo menos, dando subsídios para que o leitor possa apreender e averiguar se à informação corresponde uma certa confiabilidade. A modalidade diz respeito a uma perspectiva mais particular de postura do indivíduo diante de seu enunciado – por isso confunde-se com o modo – em relação à atitude.

É claro que não é tão fácil estabelecer limites entre as duas categorias, ademais que ambas pertencem ao mesmo domínio das relações interpessoais, e não é com este trabalho que essa questão está resolvida; pelo contrário, ele apenas colabora na extensão da discussão quando se posiciona assim.

Uma das dificuldades da delimitação entre a modalidade e a evidencialidade é o fato de utilizarem quase os mesmos recursos gramaticais para a sua expressão, já que,

no português brasileiro contemporâneo, não se pode afirmar que, de fato, o sistema evidencial está em fase embrionária no que diz respeito à sua constituição.

Entretanto, esta pesquisa explicitou os seguintes meios lingüísticos de manifestação da evidencialidade nas dissertações acadêmicas do português brasileiro contemporâneo, com seus respectivos exemplos:

- verbo

(D5.C.13-82) RESSALTAMOS QUE este último parágrafo não impõe à dissertação o seu final; ao contrário, abre inúmeras possibilidades para discutirmos questões que foram colocadas no seu desenvolvimento que não foram esgotadas, ... (p.126).

- substantivo:

(D10.I.08-245) Uma segunda abordagem, conhecida como “Escola de Sydney” e também referida como “pedagogia de gêneros”, é representada, NA VISÃO DE Paltridge (1995), pela perspectiva sócio-semiótica dos lingüistas sistêmico-funcionais baseados na obra de Halliday (p.4).

- adjetivo:

(D10.I.11-248) Ainda de acordo com Paltridge (op. cit.), uma terceira abordagem, bem mais eclética, seria aquela FUNDAMENTADA no trabalho de John Swales... (p.4).

- preposição/locução prepositiva:

(D3.C.21-56) Entra em cena a discussão sobre a relevância da cidadania. Apesar dos seus limites, tendo em vista ser incapaz de superar a democracia política e apontar para a formação de um homem pleno, CONFORME já afirmamos, ela é imprescindível à construção de uma nova sociedade (p.115).

- convenções da ABNT:

(D9.I.03-236) Dentre as estratégias que contribuem para o processamento textual, as estratégias textualizadoras são as responsáveis pela distribuição do material lingüístico na superfície do texto, pois “dizem respeito às escolhas textuais que os interlocutores realizam, desempenhando diferentes funções e tendo em vista a produção de determinados sentidos” (CF. KOCH, OP. CIT., P.31) (p.11).

Verificou-se, também, a posição na qual a marca evidencial aparece no texto, consoante os exemplos abaixo:

- anteposição:

(D4.I.02-61) A LDB explicita, ainda, a forma onde essa educação profissional deve ser desenvolvida. CONSOANTE o seu artigo 40: *A educação profissional será desenvolvida em articulação com o ensino regular ou por diferentes estratégias de educação continuada, ...* (p.12).

- intercalamento:

(D1.I.12-12) ... Irene Bessière ACREDITA que o texto fantástico resulta do jogo entre o tético e o não-tético, ou seja, do lógico e do ilógico, ... (p.13).

- posposição:

(D2.C.12-33) Tendo a poesia como compromisso, um “pacto com a vida civil”⁶⁶ ele poderá ser essa força motriz (p.80). (A INDICAÇÃO DA FONTE ENCONTRA-SE EM NOTA DE RODAPÉ)

Além de também ter observado que a marca evidencial apresenta uma natureza tríplice, composta do que foi chamado de *compartilhamento*, *diretividade* e *perceptividade*, que configura a carga semântica da noção evidencial, de acordo com os respectivos exemplos seguintes:

- Quanto ao *compartilhamento*:

- explícita só do falante:

(D6.C.01-129) Analisar a obra filmica de Woody Allen não foi tarefa simples, ante a multiplicidade de sentidos sugeridos por seus filmes. No entanto, ACREDITO ter sido possível apreender alguns destes sentidos, ... (p.96).

- explícita compartilhada:

(D8.I.26-214) Dentro da dimensão religiosa, PODEMOS PERCEBER tanto uma situação de conformidade e submissão a essa força maior que dirige seus caminhos, como também reações de rebeldia (p.28).

- Quanto à *diretividade*:

- direta:

⁶⁶ PONTES, Roberto. *Poesia insubmissa afrobrasílusa*. Fortaleza...

(D7.I.11-152) ... ME PARECE muito útil um outro conceito do autor, o de *estrutura de sentimento*... (p.14).

- indireta:

(D5.C.05-74) Tais evidências SE BASEIAM nos depoimentos fornecidos pela assistente social, quando se refere à falta de credibilidade e comunicação entre sua categoria e os médicos; ... (p.126).

- Quanto à *perceptividade*:

- inferencial:

(D6.C.12-140) Outra sugestão PARECE ESTAR em que a ilusão da arte pode nos distrair por pouco tempo da inevitabilidade da morte, ... (p.98).

- citativa:

(D6.I.13-96) O conceito de cultura APRESENTADO POR Geertz como uma “concepção simbólica” é retomado por Thompson (1995), como ponto de partida para a sua “concepção estrutural” de cultura (p.11).

- experiencial:

(D8.I.13-201) Devo registrar que VI referência a um filme de 1919 feito no Rio de Janeiro, o longa *Alma Sertaneja*, de Luiz de Barros (p.18).

Ocorre que uma marca evidencial não pode ser vista de forma isolada, mas pela integração dos aspectos citados – expedientes sintáticos e semânticos – e do seu uso discursivo – expedientes pragmáticos –, pois a sua utilização depende da intencionalidade do produtor textual, como todos os outros recursos da língua.

O uso discursivo da evidencialidade foi aqui apresentado como uma estratégia para obtenção do efeito de sentido junto ao leitor; logo, como a evidencialidade tem por função a indicação da fonte da informação, o produtor textual pode, intencionalmente, mostrar ou não essa fonte, de um modo ou de outro. Para isso, utiliza os níveis de comprometimento que a evidencialidade proporciona com seus recursos lingüísticos – alto, médio e baixo comprometimento.

Verificou-se que, qualitativamente, os efeitos de sentido associados ao uso de meios de expressão da evidencialidade na construção da argumentação em textos acadêmicos dissertativos colaboram para a atenuação da responsabilidade do produtor textual com as informações que ele veicula, podendo se comprometer ou não, direta ou indiretamente com o que está sendo dito.

Esse comprometimento se configura mediante as marcas evidenciais específicas para cada nível, conforme os resultados expostos na discussão do quadro 11.

Desse modo, fica comprovado, quantitativamente, que a evidencialidade no discurso acadêmico, em particular no *corpus* coletado, é mais utilizada como estratégia discursiva para promover o efeito de sentido que expressa o baixo comprometimento, conforme foi constatado na execução da análise.

A expressão sintática de marca evidencial verbal é o recurso mais utilizado, ocorrendo, em maior parte, na classificação de verbo de elocução *dicendi*, quando a evidencialidade é acionada, devido ao seu papel textual de introdutor de discurso.

Os tipos de noções evidenciais predominantes na construção do discurso acadêmico deste *corpus* dizem respeito às marcas evidenciais inferenciais e citativas.

Há uma distinção tênue entre os fatores que expressam a evidencialidade, ou seja, os limites são imprecisos, pois, a mesma marca lingüística identifica fatores diferentes, como é o caso da categoria explícita só do falante com a categoria direta que utilizam os mesmos recursos lingüísticos para compartilhamento e diretividade, ocorrendo, então, uma sobreposição de fatores.

Desse modo, pela igualdade de ocorrências entre os tais, pode-se concluir que ocorre uma relação de implicação entre algumas categorias: toda experiencial é explícita do falante; toda citativa é indireta; toda convenção da ABNT é indireta.

Também a escolha do item lexical ('procuro', 'buscarei', 'parece', 'sugeririam') é responsável, em grande medida, pela atitude de (des)comprometimento, caracterizando, assim, uma estratégia de construção textual.

4.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever uma dissertação utilizando, estrategicamente, só o baixo comprometimento ou o médio comprometimento com as informações veiculadas e com as conclusões deduzidas, já era esperado, visto que, em qualquer manual de metodologia científica, é sugerida uma postura impessoal, postulando-se que a escrita de um trabalho científico deve ser na 1ª ou na 3ª pessoa do plural.

Chegou-se à conclusão de que também é importante ressaltar, manifestamente, um alto comprometimento com o que se está escrevendo, até para que tudo o que se diga tenha mais respaldo e confiabilidade, permitindo uma correta avaliação do conteúdo assimilado.

A compreensão do baixo comprometimento não pode ser entendida como simples estratégia de total irresponsabilidade com a informação veiculada, pois, quando o produtor textual faz uso da citação de um estudioso acerca de uma pesquisa que é relevante para o seu estudo, ele estabelece um inter-relacionamento com as idéias de tal pesquisador, tratando-se de um recurso usual para o chamado argumento de autoridade.

Se isso ocorre nos outros tipos de trabalhos acadêmicos, no caso da monografia e da tese, é uma lacuna a ser preenchida que esta pesquisa não pôde verificar, devido à imensa coleta de ocorrências nas dissertações colhidas como referência.

A análise funcional foi extremamente importante para a efetivação deste trabalho, corroborando na correta distribuição das informações aqui verificadas, pois, o processo de construção textual envolve uma série de elementos lingüísticos que, integrados numa análise, possibilitam uma avaliação eficaz e correta do que se quer demonstrar com a pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, L. B. Evidentials, paths of change, and mental maps. In: CHAFE, W.; NICHOLS, J. (eds.). **Evidentiality**: the linguistic coding of epistemology. Norwood, NJ: Ablex, 1986.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção Ensino Superior).
- BYBEE, J. **Morphology**: a study of the relation between meaning and form. Amsterdam: John Benjamins, 1985.
- BYBEE, J.; FLEISCHMAN, S. (eds.). **Modality in grammar and discourse**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. **The evolution of grammar**: tense, aspect, and modality in the languages of the world. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- CASTILHO, A. A gramaticalização. In: **Revista de estudos lingüísticos e literários**. Salvador: UFBA, 1997.
- CERVONI, J. As modalidades. In: **A Enunciação**. Tradução: L. Garcia dos Santos. São Paulo: Ática, 1989. (Série Fundamentos; n. 61).
- CHAFE, W.; NICHOLS, J. (eds.). **Evidentiality**: the linguistic coding of epistemology. Norwood, NJ: Ablex, 1986.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. Tradução: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.
- DE HANN, F. **Evidentiality and epistemic modality**. Artigo apresentado no 2o. ALT meeting, Eugene, OR, 1997a. Disponível em: <<http://www.unm.edu/~fdehann/evidepi.htm>>. Acesso em: 10 jul. 2004.
- _____. **Evidentiality in Dutch**, 1997b. Disponível em: <<http://www.unm.edu/~fdehann/dutch.htm>>. Acesso em: 10 jul. 2004.

DENDALE, P.; TASMOWSKI, L. Introduction: evidentiality and related notions. **Journal of Pragmatics**, v. 33, 2001.

DIK, C. S. **The theory of functional grammar** – Part 2: complex and derived constructions. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

DIK, C. S. **The theory of functional grammar**. Dordrecht: Foris Publications, 1989.

DUCROT, O. A quoi sert le concept de modalité? In: **Modality in Language Acquisition**. Berlin: Walter de Gruyter, 1993.

GALVÃO, V. C. C. Evidencialidade e gramaticalização no português do Brasil: os usos da expressão diz que. Araraquara, Faculdade de Ciências e Letras. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista, 2001.

GIVÓN, T. **Syntax: an introduction**. Amsterdam; Philadelphia: J. Benjamins, 2001. (v. 1).

GONÇALVES, S. C. L. **Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil**. Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. 2. ed. London: Edward Arnold, 1994.

HARDMAN, M. J. Datasource marking in the Jaqi languages. In: CHAFE, W.; NICHOLS, J. (eds.). **Evidentiality: the linguistic coding of epistemology**. Norwood, NJ: Ablex, 1986.

HATTNER, M. M. D. **A manifestação da modalidade epistêmica: um exercício de análise nos discursos do ex-presidente Collor**. Araraquara, Faculdade de Ciências e

Letras. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista, 1995.

HATTNER, M. M. D. *et al.* Uma investigação funcionalista da modalidade epistêmica. In: NEVES, M. H. M. (Org.). **Descrição do português**: definindo rumos de pesquisa. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2001.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. **Grammaticalization**: a conceptual framework. London: University Chicago Press, 1991.

HENGEVELD, K. Illocution, mood and modality in a functional grammar of Spanish. **Journal Semantics**, v. 6. 1988.

_____. Layers and operators in functional grammar. **Journal Linguistics**, n. 25, 1989.

JAKOBSON, R. Shifters, verbal categories and the Russian verb. Selected writings. In: **Word and language**. The Hague u.a.: Mouton, 1957.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e Linguagem**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1987.

LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MATEUS, M. H. M. et al. **Gramática da língua portuguesa**. 5. ed. rev. e aum. [s.l.]: Caminho, [s.d.]. (Coleção Universitária; Série Lingüística).

MATLOCK, T. Metaphor and the grammaticalization of evidentials. **BLS**, n. 15, Berkeley, 1989.

NEVES, M. H. de M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. – (Texto e Linguagem).

_____. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. A modalidade. In: KOCH, I. G. V. (Org.). **Gramática do português falado**: desenvolvimentos. Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 1996. – (v. VI).

_____. A categoria modalidade e o processo de modalização. Campinas: No prelo.

NOGUEIRA, M. T. **Processos de constituição dos enunciados**: predicação, referenciação, junção e modalização. Projeto de Pesquisa. Fortaleza; Brasília: UFC; CNPQ, ago. 2001 - ago. 2003.

NUYTS, J. Epistemic modal adverbs and adjectives and the layered representation of conceptual and linguistic structure. **Linguistics**, v. 31, 1993.

_____. Subjectivity as an evidential dimension in epistemic modal expressions. **Journal of Pragmatics**, v. 33, 2001.

PALMER, F. R. **Mood and modality**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

_____. **Modality and the english modals**. London: Longman, 1979.

PARRET, H. A pragmática das modalidades. In: **Enunciação e pragmática**. Tradução: Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988. (Coleção Repertórios).

THOMPSON, G. **Introduction Functional Grammar**. Londres: Arnold Publishers, 1996.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e lingüística**. Tradução e adaptação: Rodolfo Ilari. Revisão técnica: Ingedore Grunfeld Villaça Koch e Thaís Cristófaró Silva. São Paulo: Contexto, 2004.

VAN DER AUWERA, J. PLUNGIAN, V. On modality's semantic map. **Linguistic typology**, v.2, 1997.

WILLETT, T. A cross-linguistic survey of the grammaticization of evidentiality. In.: **Studies in Language**, v. 1, n. 12, 1988.